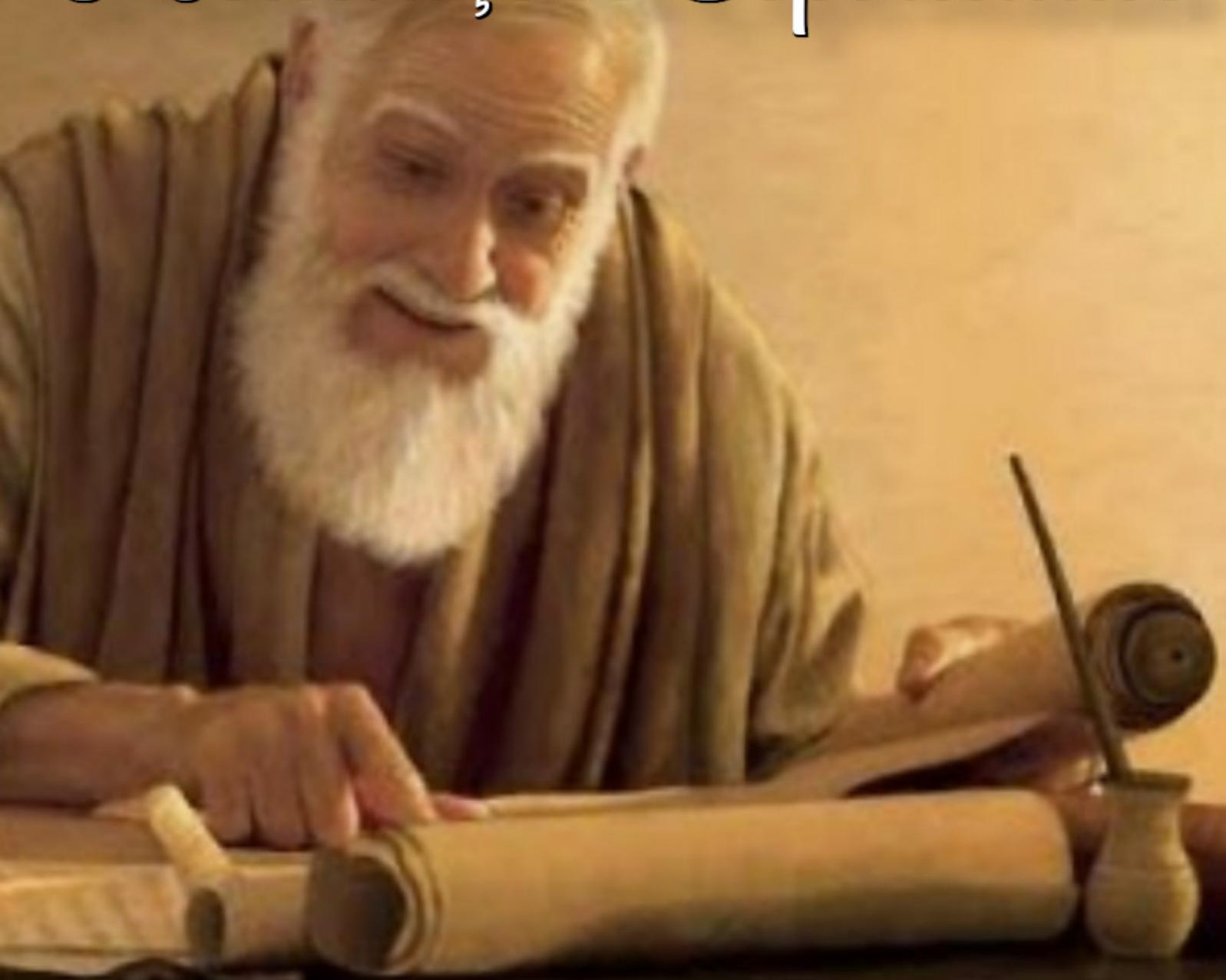


Pequenas Exposições e Meditações Espirituais



John Gifford Bellett

Pequenas Exposições e Meditações Espirituais

John Gifford Bellett

Título do original em inglês:

Brief Expositions and Spiritual Meditations – J. G. Bellett
Primeira edição em português – Outubro de 2025

Originalmente publicado por:

BIBLE TRUTH PUBLISHERS

59 Industrial Road, Addison, IL 60101
Estados Unidos da América

Traduzido, publicado e distribuído no Brasil com autorização dos editores da versão original em língua inglesa por **ASSOCIAÇÃO VERDADES VIVAS**, uma associação sem fins lucrativos, cujo objetivo é divulgar o evangelho e a sã doutrina de nosso Senhor Jesus Cristo.

Contato: atendimento@verdadesvivas.com.br

Abreviaturas utilizadas:

ACF – João Ferreira de Almeida – Corrigida Fiel – SBTB – 1994
ARC – João Ferreira de Almeida – Revista e Corrigida – SBB 1995
ARA – João Ferreira de Almeida – Revista e Atualizada – SBB 1993
TB – Tradução Brasileira – 1917
AIBB – João Ferreira de Almeida – Imprensa Bíblica Brasileira – 1967
JND – Tradução Inglesa de John Nelson Darby
KJV – Tradução Inglesa King James

Todas as citações das Escrituras são da versão ACF, a não ser que outra esteja indicada.

Qualquer sugestão de correção será bem-vinda.

Pequenas Exposições e Meditações Espirituais

J. G. Bellett

Parte 1/4

Conquistadores

Quando observamos um pouco os diferentes agentes do mal e dos enganos exibidos no livro do Apocalipse, nos perguntamos como é que alguma alma escapará. E então, quando nos lembramos de que, embora esses agentes ainda não tenham se manifestado, as energias que hão de animá-los e usá-los já estão espalhadas e em ação, e todas operando agora em mistério, se não em formas reveladas, ficamos atônitos com a visão que temos do conflito em que estamos engajados.

Haverá "o dragão" e sua "grande ira" – a "besta" e seu "falso profeta" – as "rãs" – "Babilônia", "os reis da Terra" – e "toda a Terra" se maravilhando "após a besta".

Que agentes tremendos na obra do engano, das trevas e do sangue! Que fortes tentações e que dificuldades aterradoras assolarão então o caminho dos santos peregrinos! Quem resistirá? Quem encontrará um caminho seguro em meio a essa sucessão de obstáculos? Quem descobrirá o caminho da vida e da luz em meio a todas essas trevas cada vez mais densas e avassaladoras?

E, no entanto, agora temos que tratar com cada aspecto desta cena terrível, com cada membro deste grande sistema de sutileza e força, no mistério ou espírito dele; embora, é claro, algumas partes dele possam estar mais em atividade real do que outras. Mas é nosso dever ainda, e sempre, reconhecer o dragão e sua ira, a besta e as rãs, a Babilônia, os reis da Terra e o mundo

enganado por sinais e adoração infiéis ou idólatras – reconhecer cada um e todos eles no mistério, ou na energia oculta, de sua atuação.¹ (veja o grego de 2 Tessalonicenses 2).

O campo de conflito assim exposto é realmente muito sério. Mas, à medida que este mesmo livro se revela para nós, temos, ao mesmo tempo, que reconhecer a melhor região, isto é, a celestial, onde obtemos objetivos completamente diferentes, e todos, posso dizer, para nós.

O profeta de Deus em Patmos passa, em visão, com grande facilidade e rapidez da Terra para o céu, e do céu para a Terra. As duas regiões estão alternadamente diante dele, e ele vê a ação em cada uma delas. Mas a passagem é feita com facilidade e rapidez.²

Nos capítulos 4-5, ele está à vista do céu. Assim, na abertura dos selos, no capítulo 6, passando, porém, imediatamente a ver os resultados desses selos abertos na Terra: assim, novamente no capítulo 8, o encontramos em visão de ambas as regiões; e, da mesma forma, posso dizer, em todo o livro. Ele ouve a música e as conferências no céu, o êxtase e as esperanças ali; e então, novamente, ele se encontra em meio ao orgulho incrédulo, à confusão e a todas as obras de princípios apóstatas, que conferem o caráter à cena na Terra. Ele passa da exultante festa de casamento no céu para o terrível julgamento do Cavaleiro no cavalo branco sobre toda a iniquidade confederada da Terra.

Vemos algo disso no início de Jó. Lá estamos, em visão, tanto no céu quanto na Terra, como num piscar de olhos. O mesmo ocorre no momento do martírio de Estêvão. Quão próximas uma da outra estão as duas regiões apresentadas a nós (a da visão e a da fé, ou a da Terra e a do céu), embora tão diferentes entre si! (Atos 7).

Acaso não é tarefa da alma agir ainda assim? Há duas regiões – a da fé e a da visão: e a alma deve passar rápida e frequentemente para a região da fé. Se Jó tivesse visitado o céu dessa forma, e

ouvido e visto a ação ali, estaria pronto para as provações e tristezas que o aguardavam na Terra.

Pouco se sabe sobre isso, de fato, mas a alma cobiça o poder de seguir João no Apocalipse, passando, como vemos, fácil e rapidamente da Terra para o céu e vice-versa, e sempre preparada, posso dizer, sem espanto, para as mudanças de cenário.

Mas, além disso, para o encorajamento de nosso coração, observo duas vitórias alcançadas no progresso deste livro: uma sobre o acusador (cap. 12:11) e outra sobre a besta (cap. 15:2).

O acusador foi derrotado por um certo exército de mártires, e as armas de sua luta vitoriosa estão penduradas diante de nós; pois nos é dito que eles venceram pelo **“sangue do Cordeiro”**, pela **“palavra de seu testemunho”** e por **“não amarem suas vidas até a morte”**. Essas tinham sido suas armaduras em conflito com o acusador.

Se o acusador subisse, como no caso de Jó, à presença de Deus com acusações contra eles, eles o enfrentariam com **“o sangue do Cordeiro”**. Eles alegariam o sacrifício do próprio Cordeiro de Deus, de acordo com o testemunho de Deus a respeito dele. E à acusação de que **“pele por pele, tudo o que o homem tem dará pela sua vida”**, eles entregavam a própria vida à morte em resposta.³

Aqui estava a vitória deles, e tais eram as armas que a havia alcançado. O céu poderia ocupar-se em celebrar essa vitória. Jesus estava em pé quando Estêvão foi martirizado? Fácil, então, para o céu se dedicar a recordar com regozijo essas conquistas desse grupo de mártires.

Mas, novamente, temos outra vitória celebrada no capítulo 15. Ela foi obtida sobre a besta, assim como a outra foi conquistada sobre o acusador.

Os conquistadores aqui são como Israel no Mar Vermelho em Êxodo 15. E assim como naquele cântico de Israel, também aqui neste cântico de triunfo aprendemos o caráter da verdade anterior e como os conquistadores venceram.

Moisés e a congregação relembram o fato de que uma vitória havia sido conquistada. Mas, mais do que isso, relembram como ela havia sido conquistada. Cantam sobre o cavalo e seu cavaleiro sendo lançados ao mar, sobre Jeová, como um Guerreiro, lançando Seus inimigos nas águas impetuosas, sobre as profundezas que cobriam os inimigos. E deixam claro que o próprio Israel não havia lutado, mas que Jeová havia tornado a batalha inteiramente Sua.

Assim, o estilo da vitória, seu instrumento e força, são proclamados neste cântico, assim como o fato da vitória. E julgo da mesma forma faz o cântico de Apocalipse 15.

Todo o mundo se maravilhou com a besta, e esse maravilhamento levou à adoração – ou melhor, isso foi a própria adoração (Apocalipse 13). Seu poder parecia tão grande, sua história tão maravilhosa, que todo o mundo se maravilhou e adorou, exceto (como posso dizer) este grupo de conquistadores que pagou com a vida o preço de sua fé em Deus e fidelidade a Jesus.⁴

Mas o cântico, como eu disse, expressa, a meu ver, as armas que eles usaram naquele dia de batalha. E estas eram que esses mártires admiravam e adoravam **“o Senhor Deus Todo-Poderoso”**, enquanto o mundo ao seu redor se maravilhava e adorava a besta. O mundo se maravilhava com a grandeza da besta e a maravilha de sua história; mas eles estavam em santa admiração e adoração pelo Senhor e pela maravilha de Suas obras (veja Apocalipse 15:3). E enquanto todos ao redor temiam a besta que poderia e mataria seus corpos, eles viviam somente no

temor de Deus, dando ouvidos à voz do anjo que falara de Seu julgamento vindouro (veja Apocalipse 14:7; 15:4).

Assim, este belo, porém curto, cântico narra a maneira como a vitória foi alcançada, ou as armas que a realizaram, como o cântico de Israel no Mar Vermelho já havia feito antes. Posso notar uma diferença nas batalhas, embora os cânticos sejam os mesmos. Aquela no Mar Vermelho foi travada somente por Jeová em favor de Israel, esta com a besta foi travada pelo Senhor em Seus santos.

Mas, além disso. Eu poderia estender esse pensamento às vitórias no livro do Apocalipse e dizer, de modo geral, que do começo ao fim este é o livro das vitórias.

Ele contempla corrupção ou apostasia – mal na Igreja e no cenário exterior; ou primeiro entre os casticais e depois na Terra ou no mundo.

Mas a corrupção ou a apostasia ocasionam lutas ou conflitos por parte dos santos; e, consequentemente, os santos neste livro são tratados ou contemplados como conquistadores; aqueles que estiveram em conflito por causa da corrupção e saíram vitoriosos.

Eles são formalmente considerados nesse caráter neste livro. Assim, é como vencedores que o Espírito Se dirige a eles em cada uma das cartas às Igrejas. **“Aquele que vencer”** é a expressão usada em cada uma delas; porque em cada igreja se contempla uma luta ou conflito, por causa da corrupção interior, ou pelo perigo e inimizade exterior (Ap 2-3).

E sugiro que as coroas de Apocalipse 15 são mais formalmente as coroas dos vencedores do que dos reis (veja cap. 3:11), como se vissemos os **“vencedores”** do capítulo anterior entronizados no capítulo 4.

Podemos dizer que, na avaliação divina, quase não há diferença; pois o reino é tomado por aqueles que já estiveram em conflito antes (veja Lucas 22:28-29; Mateus 20:28; 1 Coríntios 9:25; 2

Timóteo 2:12). O Senhor, nos dias de Sua carne, conquistou uma sucessão de vitórias sobre Satanás (Mateus 4), sobre o mundo (João 16:33), sobre o pecado e seu julgamento (Mateus 27:51), sobre a morte e o sepulcro (João 20:6-7). Esta Terra tem sido o cenário dessas vitórias, o evangelho as anuncia e a fé as aceita.

Assim, na cena seguinte (Apocalipse 5), o Senhor Jesus é reconhecido como um Conquistador. Nesse caráter Ele toma o livro. A palavra **“prevaleceu”** (KJV) é a palavra comum para “vencer”, **“o Leão... venceu”**. Então, no decorrer do livro, vemos duas vitórias celebradas no céu, uma obtida sobre o acusador (Apocalipse 12) e outra sobre a besta (Apocalipse 15), como já observei. Então, na Terra, vemos a vitória alcançada, vitória sobre a inimizade final e concentrada e a força e o orgulho apóstata de todo o mundo (Apocalipse 17:14; 19:11-21).

E ainda mais, pois pergunto: acaso a primeira ressurreição não é contemplada como uma ressurreição de vencedores? Não é um reinado de vencedores que vemos em Apocalipse 20:4? E assim para sempre, para a herança de todas as coisas, depois que esta estiver nas mãos dos vencedores (Apocalipse 21:7).

Posso perguntar à minha própria alma qual a medida ou o caráter de vitória que marca o meu caminho? Posso indagar isso a mim mesmo? Será que eu sei o que é o conflito por causa da corrupção e o que é a vitória da separação dela?

Quanto mais vencedores somos, mais estamos moralmente habilitados a sermos leitores do livro do Apocalipse. João, posso dizer, foi um vencedor no primeiro capítulo, pois foi mártir ou confessor na Ilha de Patmos, **“irmão, e companheiro na aflição, e no reino, e paciência de Jesus Cristo”**, e nesse caráter ele recebe a revelação que lhe é comunicada. E sugiro novamente que ela chega a ele vinda de um Vencedor, porque lhe vem de **“Jesus Cristo”** no caráter (entre outros) de **“a fiel Testemunha”**, o caráter no qual Ele venceu o mundo (veja 1 Timóteo 6:13; veja também João 16:33; Apocalipse 3:21).

De fato, as quatro ideias principais do livro parecem ser corrupção, conflito, vitória e reino, com o julgamento de Deus em exercício do começo ao fim.

O livro pressupõe, por assim dizer, que aqueles que têm provado a graça do Salvador devem permanecer na rejeição do Salvador. Isso pode conferir ao livro um caráter um tanto forte para nosso tímido coração; mas é apropriado que o volume de Deus se encerre com tal capítulo, se assim posso chamá-lo. Porque a bênção da criatura não foi o único objetivo na criação, nem o é na redenção. Sua própria glória foi proposta, bem como o bem de Suas criaturas. E é para Sua glória julgar um mundo réprobo e impenitente; e Seu povo O glorifica tomando parte com Ele nesse julgamento; e eles julgam o mundo agora em fraqueza, contradizendo o curso dele, mesmo com o risco de bens, liberdades e vidas, como em breve o julgarão com poder, quando assentados em seus tronos na regeneração.

O volume então se encerra como começou, para a Sua própria glória, é claro, de uma maneira diferente, isto é, no julgamento de todos os princípios apóstatas do mundo em sua condição amadurecida. E é justamente esperado que os santos estejam ao Seu lado nessa ação. Este é o seu lugar e caráter neste livro. A presente era é uma período de fácil profissão de fé, e a força e a devoção do mártir que se encontram neste livro não são o elemento comum. Ó, que a fé e o amor o alcancem! – que estejam ao lado de um Jesus rejeitado contra o mundo!

Mas mais do que isso: o livro contempla os santos como herdeiros, bem como conquistadores. A expectativa e o desejo de tomar possessão e domínio da Terra ocupam a mente de Cristo e dos santos do começo ao fim. De forma adequada ou necessária, porque o livro selado é o livro da herança, e esse livro rege a ação desde então até o fim; e eu pergunto: acaso a atitude dos santos agora não é bem diferente daquela no Apocalipse? Eles agora estão a **“esperar dos céus a Seu Filho”** (1 Tessalonicenses 1); no

Apocalipse, eles estão esperando para reinar na Terra, isto é, agora eles estão na Terra, mas então estarão no céu.

No início da parte profética de Apocalipse 4, vemos o arco, o sinal da segurança da Terra, ao redor do trono no céu. E Aquele que está assentado no trono está revestido de Sua glória como Criador, para o prazer de Quem todas as coisas foram criadas. Estamos, portanto, em espírito, em Gênesis 1.

Em Apocalipse 5, o livro da herança da Terra passa para as mãos do Cordeiro, e todos se regozijam. Estamos, portanto, em espírito, em Gênesis 2, onde o próprio Senhor Deus e todas as criaturas reconheceram o domínio de Adão: o Senhor Deus, conferindo-o a ele, e as criaturas, submetendo-se a ele.

Os julgamentos sob os selos e sob as trombetas, os precursores necessários do reino, então seguem seu curso; e no capítulo 10 o Senhor Jesus, como o Anjo poderoso, triunfa no momento que se aproxima da herança e do domínio sobre a Terra e o mar; e, em Apocalipse 11, os santos no céu fazem o mesmo.

A voz ouvida no céu em Apocalipse 12, e o cântico dos harpistas vitoriosos em Apocalipse 15, expressam igualmente regozijo pela perspectiva do reino. **“Agora é chegado... o reino do nosso Deus, e o poder do Seu Cristo”**, diz a voz no céu. **“todas as nações virão, e se prostrarão diante de Ti”**, cantam os harpistas.

Então, em Apocalipse 19, o regozijo no céu é este: aquela que corrompia a Terra foi julgada; e a voz ali (como de muitas águas e poderosos trovões) profere: **“Aleluia! pois já o Senhor Deus Todo-Poderoso reina”**. E o ato que torna a Terra propriedade do Senhor acontece.

Em Apocalipse 20, a primeira ressurreição é mencionada como tendo o propósito específico de trazer ou manifestar o reino. Falando dos ressuscitados, o profeta diz: eles **“viveram, e reinaram com Cristo durante mil anos”**.

E como o livro se encerra? Não com uma descrição da Igreja nos lugares ocultos do céu, como a casa do Pai, mas com uma visão da Igreja nos céus manifestados, a sede de poder ou governo, diante da luz da qual os reis trarão sua glória e honra, e de onde sairão as águas do rio e as folhas da árvore para a cura das nações. E esta é uma tal visão dos lugares celestiais como convém à Terra nos dias do reino; e dos servos de Deus e do Cordeiro, que estão lá, é dito no final, **“e reinarão para todo o sempre”**. Este é o livro do reino mais do que da Igreja. O destino celestial da Igreja está assegurado, como em Apocalipse 4, mas o reino no final é alcançado por meio de julgamentos.

A Fé do Filho de Deus

Há um caráter de verdade na Epístola aos Gálatas, muito oportuna neste tempo presente e muito fortalecedora para a alma em todos os tempos.

Ela nos ensina a saber que a religião da fé, é a religião da *confiança pessoal imediata em Cristo*. Uma verdade que é, repito, oportuna em dias como os atuais; quando as provisões e reivindicações de certas formas eclesiásticas terrenais e um sistema de ordenanças, sugeridos pela mente religiosa e carnal, são abundantes e fascinantes. Aprender, em todos os tempos, que nossa alma deve ter sua ocupação imediata com Cristo é reconfortante e assegurador. Ouvir isso novamente, em um tempo como o presente, é necessário.

O apóstolo é muito fervoroso nesta epístola, de forma natural e apropriada, como todos nós deveríamos ser, como todos nós precisamos ser, quando alguma possessão corretamente valorizada é invadida; quando alguma porção preciosa da verdade, a mais preciosa de todas as possessões, é adulterada.

Nesta epístola, em primeiro lugar, como no início, o apóstolo nos faz saber, com grande força e clareza, que ele havia recebido seu apostolado *diretamente* de Deus; não apenas sua comissão ou seu ofício, mas também suas instruções; aquilo que ele tinha para ministrar e testemunhar, bem como sua nomeação e ministério em si. Ele era um apóstolo diretamente de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo; e o que ele sabia e ensinava, ele obtinha por revelação direta e imediata.

E, em conexão com isso, ele nos diz que, assim como Deus havia tratado imediatamente com ele, ele, em resposta à confiança, tratou imediatamente com Deus. Pois, tendo recebido a revelação, tendo o Filho revelado nele, ele imediatamente se absteve de consultar carne e sangue. Ele não subiu a Jerusalém,

para aqueles que eram apóstolos antes dele, mas desceu para a Arábia, carregando, por assim dizer, seu tesouro consigo; não buscando aperfeiçoá-lo, mas como alguém que estava satisfeito com ele exatamente como era, isto é, com o Cristo que agora lhe havia sido dado.

E, aqui, permitam-me dizer, isso nos traz à mente o Evangelho de João, pois ele nos dá, antes deste tempo de Paulo, exemplo após exemplo da alma encontrando sua satisfação em Cristo. Cada um que foi vivificado ali ilustra isso. André, Pedro, Filipe e Natanael – no primeiro capítulo, depois a samaritana e seus companheiros em Sicar, e então a adúltera convicta e o mendigo excluído – todos eles nos dizem, em linguagem que não pode ser confundida, que encontraram satisfação em Cristo, que tendo estado a sós com Ele em seus pecados, agora eram *independentes* – tendo um contato pessoal e *imediato* com Ele como o Salvador, não buscaram outro lugar. A Arábia servirá para eles tão bem quanto Jerusalém, assim como na experiência de Paulo em Gálatas. Eles nunca parecem consultar a carne e sangue. As ordenanças não são, em medida alguma, sua confiança. A alma deles está provando que a fé é o princípio que coloca os pecadores em contato *imediato* com Cristo e os tornam independentes de tudo o que o homem pode fazer por eles.

Quão indizivelmente abençoado é ver tal estado de espírito ilustrado em qualquer companheiro pecador, em homens “**sujeito às mesmas paixões que nós**”, mesmas corrupções, mesmo estado de culpa e condenação. Tais coisas certamente foram escritas para o nosso aprendizado, para que, pelo conforto dessas Escrituras, tenhamos segurança e liberdade.

E o que é assim *ilustrado* no Evangelho de João em exemplos vivos para nosso conforto, é *ensinado e imposto a nós* nesta fervorosa Epístola de Paulo aos Gálatas. Tendo mostrado às igrejas da Galácia o caráter de seu apostolado, como ele recebeu tanto sua comissão quanto suas instruções diretamente de Deus, e não era devedor por nada à carne e ao sangue, a Jerusalém, a

cidade das solenidades, ou àqueles que foram apóstolos antes dele; e tendo revelado, por assim dizer, seu próprio espírito a eles, dizendo-lhes que a vida que ele agora vivia era pela fé no Filho de Deus, ele começa a *desafiá-los*; pois eles não estavam nesse estado de espírito.

Ele os chama de “**insensatos**” e lhes diz que foram “fascinados”. Pois como poderia ele deixar de detectar a ação de Satanás no fato de terem sido afastados do lugar onde o Espírito e a verdade, a cruz de Cristo e a fé os haviam colocado de uma vez por todas? Mas então ele *raciocina* com eles, argumenta o assunto e convoca suas testemunhas. Ele os faz juízes deles mesmos, apelando para o primeiro estado deles. “**Recebestes o Espírito pelas obras da lei ou pela pregação da fé?**” Ele cita Abraão como prova de que um pecador tinha um relacionamento pessoal *imediato* com Cristo e, pela fé, encontrava justificação. E ele relembra o caráter do evangelho que havia sido pregado a Abraão, como ele falava de *Cristo*, do *pecador* e da *bênção* sendo colocados juntos e a sós. “**Todas as nações serão benditas em ti** (a semente de Abraão, que é Cristo)”. Evangelho precioso! *Cristo, o pecador e a bênção unidos em um só feixe.*

E ele continua confirmando e estabelecendo isso, ensinando-lhes como Cristo levou sobre Si a maldição e, portanto, certamente tinha o direito de conceder a bênção.

Certamente, essas são testemunhas que podem ser bem recebidas, como prova do caráter divino da religião da fé, que é a confiança imediata do pecador em Cristo.

Mas então, ele realiza outros serviços nesta mesma causa. Ele prossegue nos contando as coisas gloriosas que a fé opera e realiza em nós e por nós. “**Mas, depois que veio a fé**”, ele nos diz em Gálatas 3:25-27, “**já não estamos debaixo de aio. Porque todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus. Porque todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo**”. Aqui estão preciosas obras de fé! Ela dispensa o aio; traz a alma a Deus como a um pai, e então reveste o crente com o valor de

Cristo aos olhos e à aceitação de Deus. E “**Deus enviou aos vossos corações o Espírito de Seu Filho, que clama: Aba, Pai**” (Gálatas 4:6). E fomos redimidos de “**debaixo da lei**” (Gálatas 4:5). Pode-se conceber um sentido mais pleno e perfeito de um relacionamento *imediato* entre Cristo e a alma do que o expresso e declarado por tais afirmações? Fomos tirados de debaixo da lei – o aio e, com ele, tutores e governadores se foram; somos filhos em casa, na casa do Pai, e temos os direitos e a mente do próprio Primogênito investidos sobre nós e transmitidos a nós! Pode alguma condição de alma demonstrar de forma mais abençoada nossa independência dos recursos de uma religião de ordenanças e a conexão pessoal e imediata do pobre pecador com o próprio Cristo?

Mas Paulo encontra as igrejas na Galácia em um estado de afastamento. Elas haviam se voltado novamente para “**rudimentos fracos e pobres**”. Estavam guardando “**dias, e meses, e tempos e anos**”. Era quase um retorno à sua antiga idolatria, como ele solenemente lhes sugere, servindo “**aos que por natureza não são deuses**”, como vinham fazendo nos dias de sua ignorância pagã do verdadeiro Deus (Gálatas 4:8). Em que conexão ele coloca aqui o Cristianismo meramente formal e que observa ordenanças impostas? Isso não é solene? Não foi o suficiente para alarmá-lo? E não é assim? “**Receio de vós**”, diz ele aos gálatas nesse estado, “**que não haja trabalhado em vão para convosco**”.

Mas, sendo homem de Deus, gracioso, paciente e árduo trabalhador, segundo a obra d'Aquele que operava poderosamente nele, consente em trabalhar novamente – sim, mais poderosamente do que nunca – para *sofrer as dores de parto, para os dar à luz novamente*. Mas tudo isso foi apenas para este fim: que *Cristo pudesse ser formado neles*; nada menos, nada mais, nada diferente disto. Ele ansiava pela restauração da alma neles, e isso era: que eles e Cristo pudessem ser *imediatamente* reunidos de novo; que a fé pudesse ser reavivada neles – a religião simples, sincera e abençoada da confiança pessoal e

direta em Deus em Cristo Jesus; que, assim como nele mesmo, o Filho pudesse ser revelado neles; que, recuperando Cristo na alma deles, pudessem provar que não precisavam de mais nada.

Como é edificante traçar o caminho de tal espírito sob a condução do Espírito Santo! Como é reconfortante ver o propósito de Deus, por meio de tal ministério, para com as almas dos pobres pecadores! Como isso nos permite aprender o que é o Cristianismo na avaliação do próprio Deus! Passar à observância de dias e tempos, o retorno às ordenanças, é destrutivo para esta religião; é o mundo. **“Por que vos sujeitais ainda a ordenanças, como se vivêsseis no mundo?”** (AIBB), como diz o mesmo apóstolo em outro lugar. Confiança nas ordenanças não é fé em Cristo. É a religião da natureza, da carne e do sangue; é do homem, e não de Deus.

E certamente carregam em seu rastro as paixões do homem. A religião do homem deixa o homem como o encontrou – na verdade, acalenta e cultiva as corrupções do homem. Isso se manifestou em Ismael nos primeiros dias – não, em Caim antes dele – mas em Ismael, como o apóstolo continua a mostrar nesta mesma epístola. E ele declara que era então, em seus dias, o mesmo; e gerações de Cristianismo formalmente corrupto na história da Cristandade, as prisões da Itália alguns anos atrás, e as prisões da Espanha ainda mais tarde, declararam o mesmo. **“como então aquele que era gerado segundo a carne perseguia o que o era segundo o Espírito, assim é também agora”**. A religião do homem, repito, não o cura; ele é deixado por ela como presa das sutilezas e da violência de sua natureza, cativo ainda da antiga serpente, que tem sido mentirosa e homicida desde o princípio.

O decreto, no entanto, foi pronunciado. Foi entregue nos dias de Isaque e Ismael, de Abraão e Sara; é repetido e selado novamente pelo próprio Espírito nos dias do apóstolo Paulo; e devemos recebê-lo como estabelecido para sempre. É este: **“Lança fora a escrava e seu filho”** (Gálatas 4:30).

Que consolo ter esta importantíssima questão entre Deus e o homem resolvida! E, de acordo com esse consolo, ouvimos esta palavra adicional: **“Estai, pois, firmes na liberdade com que Cristo nos libertou, e não torneis a colocar-vos debaixo do jugo da servidão”** (Gálatas 5:1).

Tudo, certamente, é de uma só e da mesma natureza. O Espírito Santo, por meio do apóstolo, está preparando o princípio, o grande princípio orientador e ordenador da religião divina. É a fé; é a confiança pessoal e *imediata do pecador* em Cristo; é a alma encontrando satisfação n'Ele e naquilo que Ele fez por ela; e numa religião como esta, o pecador, na possessão desta fé, é colocado, como posso expressar, ao lado da glória. O apóstolo rapidamente nos diz isso, após nos ordenar a permanecer firmes na liberdade do evangelho, pois acrescenta: **“Porque nós, pelo Espírito, sob o princípio de fé, aguardamos a esperança da justiça”** (Gálatas 5:5 – JND). Esta esperança é a glória que há de ser revelada – a **“glória de Deus”**, como diz uma passagem semelhante (Romanos 5:2). Não esperamos por qualquer aperfeiçoamento do nosso caráter, por qualquer avanço da nossa alma. Se ainda vivermos na carne, somente será apropriado crescer **“na graça e conhecimento de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo”**. Mas tais coisas não são necessárias como condição do título. Sendo de Cristo pela fé, estamos próximos da glória. **“e aos que justificou a estes também glorificou”** (Rm 8). Estando no reino do Filho amado de Deus, somos **“idôneos para participar da herança dos santos na luz”** (Cl 1:12). Como aqui, na liberdade com que Cristo nos libertou, aguardamos apenas a glória; a glória é o *objeto imediato da nossa esperança*, assim como Cristo é a *confiança imediata da nossa alma*.

Tudo é magnífico em sua simplicidade, porque é tudo de Deus. Não é de se admirar que a Escritura nos fale tão abundantemente sobre a fé e nos alerte tão zelosamente contra a religiosidade. A **“persuasão”**, como diz o apóstolo, sob a qual os gálatas haviam caído, não tinha vindo de Deus, que os havia chamado; e o apóstolo soa o alarme, sopra o toque de guerra na trombeta de

prata do santuário, proferindo estas vozes em seus ouvidos: **“Um pouco de fermento leveda toda a massa”**; e ainda: **“Se sois guiados pelo Espírito, não estais debaixo da lei”** (Gálatas 5:8-9, 18).

E na feliz estrutura desta epístola, como também posso falar dela, o apóstolo termina consigo mesmo assim como começa consigo mesmo. Vimos como ele lhes contou, a princípio, sobre as peculiaridades de seu apostolado, como havia recebido tanto sua comissão quanto suas instruções vindas *diretamente* de Deus, e como então, com uma fé que era a resposta a tal graça, se conduziu de imediato em plena confiança pessoal em Cristo, independentemente de todos os recursos da carne e do sangue. E agora, ao final, ele lhes diz que, quanto a si mesmo, não conhecia outro motivo de glória senão na cruz do Senhor Jesus, por Quem o mundo foi crucificado para ele, e ele para o mundo; e ele lhes diz ainda que ninguém precisa se intrometer ou incomodá-lo, nem afligi-lo ou preocupá-lo, com seus pensamentos sobre a circuncisão e a lei, ou com as obras de uma religiosidade carnal, os rudimentos de um mundo para o qual ele agora estava crucificado, pois ele trazia em seu corpo as marcas do Senhor. Ele pertencia a Jesus por meio de sinais pessoais e individuais, imediatamente impressos nele como pela mão apropriadora do próprio Cristo; e ninguém tinha o direito de tocar no tesouro do Senhor.

Precioso segredo da graça de Deus! Preciosa simplicidade na fé de um pecador ensinado pelo céu! Amados, não é o conhecimento da Escritura, ou a capacidade de falar sobre ela, ou mesmo ensiná-la, de Gênesis a Apocalipse – não são os cultos ordenados da religião – não são os sentimentos devotos – mas, oh! É aquela ação sincera da alma que liga o nosso próprio ser a Jesus, na calma e na certeza de uma *mente crente*.

O Pai

João 14-17

“Eu lhes fiz conhecer o Teu nome, e lho farei conhecer mais”.

Estas palavras foram ditas ao Pai por Cristo a respeito dos santos. Elas nos dizem que a grande tarefa do Senhor era familiarizar os santos com o Pai, que essa já havia sido a Sua tarefa, e que Ele pretendia que essa fosse ainda a Sua tarefa.

Isto é cheio de bênçãos. Pensar que nossa alma está sob tal instrução! O Filho nutrindo e ampliando em nós a percepção e o entendimento do amor do Pai, e usando Sua diligência para dar ao nosso coração esse gozo e para dá-lo a nós com mais abundância! Podemos ser lentos, e somos lentos, para aprendê-la. Naturalmente suspeitamos de todos os pensamentos felizes de Deus. Cristo precisa usar de diligência e empregar energia para nos ensinar tal lição. **“Eu lhes fiz conhecer o Teu nome, e lho farei conhecer mais”.** Mas assim é. Esta é a lição da qual Ele é o Mestre, e nossa incapacidade de aprendê-la magnifica Sua graça, pois Ele ainda está nisso, ainda ensinando a mesma lição.

Os capítulos anteriores (João 14-16) nos mostram Cristo declarando o Pai. Eles iniciam com Ele nos dizendo que o Pai abriu a Sua própria casa para nós – não apenas isso, mas que Ele a construiu com referência direta a nós, tendo-a feito uma casa com muitas moradas para nossa recepção (João 14:2).

Ele então, com algum ressentimento pela incredulidade deles, diz-lhes que o Pai já estava Se revelando a eles. **“Estou há tanto tempo convosco, e não Me tendes conhecido, Filipe?**⁵ **Quem Me vê a Mim vê o Pai”.** Porque as coisas que Ele havia dito e feito, Ele havia dito e feito como Filho do Pai, como Aquele que estava no Pai e em Quem também o Pai estava (João 14:5-14).

Pois isso era incredulidade natural, a indisposição para aprender a lição do Pai de que falei; e é feliz encontrá-la aqui repreendida

pelo Senhor. De fato, é somente a fé que pode se assentar como discípula de Cristo – aquele princípio que apenas escuta. O senso moral do homem se exclui a si mesmo dessa escola.

Jesus, porém, prossegue com a lição apesar dessa lentidão. Ele lhes conta, após essa interrupção, como Ele Se propusera, quando estivesse ausente, a glorificar o Pai nas obras e na experiência deles (João 14:12-14); e então lhes diz que o Consolador, o Espírito de verdade, o Espírito Santo, que estava prestes a vir a eles, viria como o Espírito do Pai, fazendo-os saber que não eram órfãos, mas tinham a vida do Filho neles (João 14:16-20); e novamente Ele diz a eles que a observância de Sua Palavra asseguraria à alma deles a presença e a comunhão do Pai, bem como a Sua, porque a palavra não era Sua, mas do Pai que O havia enviado (João 14:21-24). Essa palavra ou mandamento, que deveria ser guardado para que essa comunhão fosse assegurada à alma, era sobre amor; porque era a palavra trazida pelo Filho do Pai, e não uma palavra trazida de um rei, ou de um juiz, ou de um legislador (veja João 13:34; 15:12, 17).

Em todas essas maneiras verdadeiramente benditas, Ele declara o Pai a nós e usa a Si mesmo apenas como Testemunha ou Servo de tal revelação. Sua própria glória pessoal está implícita em tal serviço; porém esse não é o Seu objeto, mas a declaração do Pai é. E assim também, ao prosseguir neste discurso maravilhoso, Ele declara que o Pai é o Lavrador da videira, deixando-nos saber que o fruto buscado é fruto digno da mão de um Pai, fruto que os filhos, não servos ou súditos, precisam produzir (João 15:1-14). E, novamente, a amizade que Ele lhes apresenta a Si mesmo diz respeito ao Pai, porque eram os segredos do Pai que Ele lhes comunicava na confiança da amizade (João 15:15). E então, no final do mesmo capítulo, Ele apresenta o mundo simplesmente no caráter de ter odiado o Pai, testemunhado no Filho e por meio d'Ele (João 15:23-24).

Como tudo isso confirma a palavra: **“Eu lhes fiz conhecer o Teu nome”!** Mas, além disso: Ele antecipa o dia do Espírito Santo; mas

Ele faz isso em constante lembrança e menção do Pai. O Espírito era o Espírito do Pai, dado por Ele, enviado por Ele (João 14:16, 26; 15:26); e quando Ele veio, seu divino Mestre agora lhes diz que deveriam pedir ao Pai e receber d'Ele, para que este seu gozo como filhos que conhecem o amor e a bênção do Pai fosse completa (João 16:23-24).⁶ E Ele ainda lhes diz que naquele dia eles conheceriam claramente sua adoção, ou seu lugar com o Pai (João 15:25).

E um pouco além de tudo isso, e como que coroando tudo o que Ele havia dito, Ele lhes diz que Suas orações por eles no céu não deveriam ser entendidas como se eles e o Pai estivessem distantes um do outro, mas que eles deveriam se assegurar de que o amor do Pai repousava imediatamente sobre eles, como no pleno poder do relacionamento que Ele tinha com eles (João 16:26-27).

Assim, era o nome do Pai que Ele lhes declarava ao longo desses maravilhosos capítulos, trazendo o Pai aos pensamentos e regozijos do coração deles. E se o amor e o céu forem valorizados por nós, que comunicações tão bem-vindas serão essas!

Assim, no capítulo final (17), podemos dizer: Nenhuma notícia nossa retorna a Deus de forma tão aceitável como esta: que, pela fé, recebemos estas notícias do Pai. O Filho nos trouxe uma mensagem de amor vinda do seio do Pai, e se Ele agora relatar ao Pai que nós recebemos a mensagem, esta será a resposta mais preciosa junto ao Pai. E tal recebimento desta palavra sobre o Pai também será a nossa mais verdadeira santificação ou separação do mundo, pois o mundo é aquele que se recusa a conhecer o Pai.

Eu poderia expressar isso mais brevemente assim. Em João 14-16, o Senhor propõe colocar nossa alma em comunhão com o Pai. Ele enche a alma com pensamentos sobre o Pai; lembranças, presentes exercícios espirituais e perspectivas são todos conectados por Ele ao Pai. Ele nos diz que é a casa do Pai que nos receberá em breve; foi o Pai Quem esteve operando e

falando n'Ele, de modo que o que Ele disse e fez foram as palavras e ações do Pai; que eles logo fariam obras maiores do que Ele havia feito, pois Ele estava indo para o Pai; que o Consolador lhes seria enviado pelo Pai; que sua frutificação surgiria do Pai ser o Lavrador; que o mundo os odiaria, porque não conheceu o Pai nem a Ele; que o próprio Pai os amava, e que eles logo entrariam no senso de seu relacionamento com Ele.

Se o Espírito de verdade, o Consolador, nos fizer perceber essas coisas, podemos selar essa palavra: **"vos convém que Eu vá"**. Assim, posso dizer, o propósito do Senhor em João 13 é colocar nossa alma em comunhão com Ele mesmo no céu. Ele nos mostra a Si mesmo no céu, como o próprio lar do amor e da glória, porque Ele seria restaurado ao Pai ali, e ter todas as coisas colocadas em Suas mãos por Deus ali; e dessa maneira Ele antecipa o céu como o lar do amor e da glória para Ele.

Mas então Ele nos faz saber que ali Ele permaneceria em Seu amor por nós e em Seu serviço às nossas necessidades – que, embora ali, Ele jamais poderia nos abandonar, nem abandonar nossa necessidade. Assim, Ele busca nos colocar em comunhão com Ele, assim como está agora no céu, assim como depois (em João 14-16), Ele busca nos colocar, como tenho observado, em comunhão com o Pai.

Que esse bendito senso de relacionamento preencha e satisfaça nossa alma mais abundantemente!

A Glória de Deus

O caminho da glória ao longo das Escrituras pode ser facilmente rastreado e tem muito valor moral para nós conectados a ela.

Êxodo 13 - Ela começa sua jornada na nuvem, na libertação de Israel do Egito, quando o sangue pascal, na graça do Deus de seus pais, os havia abrigado.

Êxodo 14 - No momento da grande crise, ela se posicionou, fazendo separação entre Israel e Egito, ou entre o juízo e a salvação.

Êxodo 16 - Ela se ressentiu das murmurações do arraial.

Êxodo 24 - Ela se conecta a si mesma ao Monte Sinai e era como fogo devorador aos olhos do povo.

Êxodo 40 - Ela deixa aquele monte para o tabernáculo, a testemunha da misericórdia, triunfando sobre o juízo, retomando também na nuvem seus serviços graciosos para com o arraial.

Levítico 9 - Havendo o sacerdote sido consagrado, e seus serviços no tabernáculo sendo cumpridos, ela se manifesta ao povo para a grande alegria deles.

Números 9 - Retomando sua jornada em companhia do tabernáculo, a congregação desfruta da condução da nuvem, que agora acompanha o tabernáculo, enquanto a glória o enche.

Números 16 - Na hora da total apostasia, ela se mostra em terror judicial aos olhos do povo rebelde.

Deuteronômio 21 - Na causa de Josué, um vaso eleito e fiel, ela reaparece na nuvem.

2 Crônicas 5 - Ao ser construído o templo, uma nova testemunha da graça, a glória e a nuvem reaparecem para alegria de Israel, como antigamente.

Ezequiel 1-11 - Novamente, em outra hora de completa apostasia, a glória, tomando asas e rodas para si mesma, por assim dizer, deixa o templo.

Atos 7 - Estêvão, um homem rejeitado pela Terra; vê a glória no céu em companhia de Jesus.

Apocalipse 21:9 - Em dias milenares, ela desce do céu em sua nova habitação, a santa Jerusalém, **“a Esposa do Cordeiro”**, repousando acima no ar, de onde ela sombreia e ilumina as habitações de Israel novamente (Is 4:5), como ela fez uma vez desde a nuvem no deserto, ou entra no segundo templo, o templo do milênio (Ez 43; Ag 2).

Tal é o caminho da glória, o símbolo da presença divina. Sua história, assim traçada, nos diz que, se o homem estiver em companhia da graça, poderá regozijar-se nela; mas que ela é um fogo devorador para todos os que se encontram sob o monte Sinai. Ela nos diz também que, ao mesmo tempo em que ela os anima e os guia em seu caminho, ela ressente-se do mal e se afasta da apostasia do povo professo de Deus.

É muito instrutivo e reconfortante observar essas coisas na história da glória, que era o símbolo da presença divina. E se essa presença se manifesta a si mesma em outras formas, as mesmas lições ainda nos são ensinadas. Os mais eminentes dos filhos dos homens foram incapazes de suportá-la em si mesmos; mas em Cristo todos, altos e baixos, anônimos e ilustres, puderam não apenas suportá-la, mas também se alegrar com ela.

Adão fugiu da presença de Deus. Mas no momento em que ouviu a promessa de Cristo, crendo nela, ele retornou àquela presença com a mais plena e íntima confiança.

Moisés, por mais favorecido que fosse, não pôde suportar isso a não ser em Cristo, a Rocha, a rocha fendida, da salvação (Êx 33).

Isaías, o principal entre os profetas, desfalece ao ver a glória, até que uma brasa do altar, o símbolo de Cristo em Sua obra pelos

pecadores, expia seu pecado (Is 6).

Ezequiel e Daniel, companheiros dele no ofício profético, juntamente com ele também falham completamente na presença divina, e são capazes de suportá-la somente por meio da graciosa interferência do Filho do Homem (Ez 3; Dn 10).

João, o discípulo amado, o apóstolo honrado, mesmo no próprio lugar e tempo de seu sofrimento por Jesus, toma para si a sentença de morte ao ver Jesus glorificado, até que Aquele que amou, morreu e viveu novamente falou com ele e lhe deu paz e segurança (Apocalipse 1).

Esses distintos não podem medir a presença divina por nada além da simples virtude do que Cristo é para eles e por eles. Nessa virtude, eles permaneceram nela em paz; e assim, com eles, o mais distante e anônimo do arraial testemunha uma cena já mencionada (Lv 9). Lá, todos os que estavam à porta do tabernáculo contemplando a consagração e os serviços do sacerdote, o Cristo figurado, triunfam na presença da glória; como também em outra cena mencionada (2 Cr 5), quando a arca, outra figura de Cristo, é trazida para a casa de Deus.

O pecado e a justiça são responsáveis por tudo isso.

O pecado é acompanhado por isso, como sua consequência necessária – uma destituição da glória de Deus. **“Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus”**. Isso foi ilustrado nos casos ou nas histórias que venho traçando. O pecado nos incapacita de suportar a força da presença divina. É demais para um pecador. Mas há alívio total, pois se o pecado e a incapacidade de tolerar a presença ou a glória de Deus são moralmente um, assim também o são a justiça e o retorno a essa presença.

O pecado implica uma condição ou estado de ser; assim como a justiça. E assim como o pecado é a incapacidade de se aproximar da glória de Deus, a justiça é aquilo que se aproxima da glória de Deus. É a capacidade de permanecer no seu mais pleno

resplendor; como essas histórias também ilustram. Pois em Cristo, por meio das provisões da graça, ou estabelecidos na justiça de Deus pela fé, todos aqueles a quem contemplamos, fossem grandes ou pequenos, encontraram-se à vontade na presença divina.

Experimentamos tudo isso em relação aos nossos semelhantes. Se prejudicamos alguém, intuitivamente "ficamos aquém" da sua presença; ficamos incomodados com isso e procuramos evitá-lo. Mas se recebemos o perdão dele, selado com o pleno propósito e amor do seu coração, retornamos à sua presença com confiança. E quanto mais, posso dizer, se vissemos que ele nos concedia esse perdão com toda a habilidade e diligência do amor, e ao mesmo tempo nos dizia que todo o mal que lhe havíamos causado havia sido infinitamente reparado, e que ele próprio tinha boas razões para se regozijar com o prejuízo causado por causa da reparação? Certamente tudo isso formaria uma base e seria a nossa garantia para recuperar a sua presença com mais segurança e liberdade do que nunca.

Ora, assim é o evangelho. Ele autoriza o pecador a cultivar todos esses pensamentos com plena certeza. O erro que cometemos, a ofensa que Adão cometeu contra o amor, a verdade e a majestade de Deus, tudo foi gloriosamente reparado por Cristo. Deus é mais honrado na satisfação do que teria sido se o mal nunca tivesse sido cometido. Todos os Seus direitos são atendidos em suas mais completas exigências e ao seu mais alto grau de louvor. Ele é **"Justo e o Justificador daquele que crê em Jesus"**.

A fé assume isso, e o crente, portanto, não fica aquém da glória de Deus, embora, como pecador, tenha ficado uma vez. A fé recebe **"a justiça de Deus"**; e a justiça de Deus pode medir, e de fato mede, a glória de Deus. Em Sua justiça, podemos estar diante de Sua glória. E que a justiça pode, neste sentido, medir Sua glória – que a fé no evangelho, ou no ministério da justiça, pode nos colocar com liberdade ou com o rosto descoberto diante da

glória de Deus – é ensinado em 2 Coríntios 3-4; sim, de fato, que a expressão dessa glória só pode ser alcançada no ministério da justiça, a glória plena somente **“na face de Jesus Cristo”**.

A Glória do Unigênito

“O Verbo Se fez carne e habitou entre nós... cheio de graça e de verdade”.

Esta foi a manifestação de Cristo como Filho, e declarada por meio do Espírito por João. E é esta glória, esta plenitude de graça e verdade, que resplandece em todo o ministério público de Cristo, conforme registrado por João em João 1-9. E no progresso desse ministério, observei dois atributos ou atuações desta glória. Primeiro: ela sempre se recusa a se unir a outra glória de qualquer tipo que seja. Segundo: ela persevera em se manifestar a si mesma, desafiando todo tipo de resistência.

Essas duas maneiras, constantemente aderidas a ela, evidenciam o valor que ela tinha para si mesma e a firmeza do propósito divino de abençoar o pecador, a cuja condição e necessidades essa glória se adapta.

Em João 2, Jesus é tentado por Sua mãe a deixar que a glória do poder se manifestasse n'Ele. Em João 3, Nicodemos O convida a Se manifestar como Mestre. Em João 6, a multidão queria fazer d'Ele um rei. Em João 7, Seus irmãos queriam que Ele Se manifestasse ao mundo. Em João 8, os fariseus queriam que Ele usasse o trovão do monte Sinai em juízo. Mas nenhuma oferta ou solicitação prevalece. Jesus não Se mostrará a não ser como **“cheio de graça e verdade”**, ou na glória do **“unigênito do Pai”**. Ele Se recusa a aparecer em qualquer outra glória ou a agir em qualquer outro caráter. Mas então, nessa glória, Ele resplandecerá, e nesse caráter Ele agirá, seja qual for a resistência ou o obstáculo; e ao considerar isso, eu entraria, no momento, um pouco mais em detalhes.

Em João 4, vemos o Senhor insistindo em resplandecer na glória da graça e da verdade, apesar dos obstáculos e da resistência de uma das partes mais determinada – “a lei dos mandamentos,

contida em ordenanças". Os Judeus não tinham relações com os samaritanos. Mas Jesus, o Filho de Deus, resplandece em um raio tão brilhante e difuso em uma região quanto em outra, recusando-Se a ser impedido.

Em João 5, o Senhor prossegue em Seu caminho com o mesmo caráter inabalável, desafiando o medo ou o perigo. Os Judeus procuraram matá-Lo, porque Ele fez essas coisas no dia de sábado. Mas Sua resposta a tal perigo ou ameaça foi apenas esta: **"Meu Pai trabalha até agora, e Eu trabalho também"**; e Ele continua, ainda persevera, como testemunha do caminho do Pai ou da graça de Deus, embora isso pudesse apenas aguçar a inimizade e predispor os Judeus ainda mais a procurarem matá-Lo.

Em João 6, essa glória peculiar, pela qual sozinho Ele trilhava Seu caminho, novamente encontra um grave obstáculo. O Senhor evidentemente sente uma grande distância moral da multidão. Eles eram, de fato, como falamos, a razão de Seu afastamento. Eles haviam despertado um pouco do santo desgosto de Sua alma justa. Isso é evidente, e o coração sabe que isso é um grave impedimento. Mas isso não O impede de manter a demonstração de Sua própria glória, que era para a bênção deles. **"Trabalhai, não pela comida que perece"**, diz Ele a eles, **"mas pela comida que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do Homem vos dará; porque a este o Pai, Deus, O selou"**. E assim, em João 7, como em João 5, Ele continua Seu caminho, embora os inimigos estivessem irados e confederados, enviando oficiais para prendê-Lo. Pois, depois de tudo isso, a glória que era plena de graça e verdade irrompe em um de seus mais intensos esplendores, no grande último dia da festa, com Jesus em pé e dizendo: **"Se alguém tem sede, venha a Mim, e beba"**. Que vigor no propósito deve ter havido para que pudesse sustentá-Lo adiante em triunfo, apesar de tamanha série de oposições e obstáculos! E assim, até o último momento, posso dizer, essa glória se manifesta em regiões imensuráveis. Jesus "passa" (João 9). Ele vai aonde quer que vá. Mas ainda mantém o mesmo caráter. A mudança de clima,

por assim dizer, não faz diferença. A glória ainda é plena de graça e verdade, a glória **“como a glória do Unigênito do Pai”**. Jesus vê um homem cego de nascença; mas Ele é **“a luz do mundo”**. E Jesus, depois, o encontra expulso, mas o acolhe para a eternidade.

Não sei se algo possa assegurar mais plenamente ao coração de um pecador de seu interesse no Filho de Deus do que tudo isso. Nenhuma resistência prevalece, nenhuma tentação. Nada pode forçá-Lo, nada pode afastá-Lo de Seu propósito de abençoá-los, por um único momento. Essa glória, e somente essa atende às suas necessidades, irrompe em cada ocasião em que vemos Jesus agindo, abrindo caminho através de todos os obstáculos e Se afastando de toda distração. O que demonstra uma firmeza de propósito como essa? Se você vir um homem prosseguindo com sua obra, destemido pela oposição e sem se deixar distrair por seduções, que mais precisamos para conhecer a singeleza e a decisão de sua alma? E tal é o Filho do Pai nesta ação. Na glória que se ajusta à necessidade dos pecadores, Ele resplandece, e somente nela, seja qual for o meio que a obscureça, por mais denso que seja, ou a solicitação que a distraia, por mais sedutora que seja.

Ó preciosa graça salvadora! Como tudo isso, em outras palavras, nos diz que Deus achou mais abençoado dar do que receber! Jesus era **“o Verbo”** que **“Se fez carne”**, **“Deus”** que **“Se manifestou em carne”**. E se Ele tivesse querido, como estes capítulos nos mostram, poderia ter recebido os louvores dos homens, a admiração do mundo, a coroa do reino; mas Ele, **“passando”** por tudo, estava concentrado no único propósito de levar a bênção aos pobres pecadores.

Deus Manifestado em Carne

Ao longo do Evangelho de João, podemos perceber que um senso da glória de Sua Pessoa está sempre presente na mente de Cristo. Isso é assim, quer O acompanhemos de cena em cena em Seu ministério público (João 1-12), quer por Suas palavras de despedida com Seus eleitos (João 13-17), quer no caminho de Suas dores finais (João 18-19), ou na ressurreição (João 20-21).

Esta plena glória pessoal que Lhe pertence é declarada logo no início deste Evangelho (João 1:1), e ali reconhecida pela Igreja, consciente, como ela é, de que ela discerniu essa glória (João 1:14). Mas, como acabei de dizer, essa glória está sempre presente em Sua própria mente. Ele está no lugar onde os arranjos da aliança O colocam, e está realizando aqueles serviços que zelam pela manifestação da glória do Pai depositada sobre Ele; mas ainda assim, Ele toma conhecimento de Si mesmo na plenitude da glória da Divindade que Lhe pertencia, essencial e intrinsecamente Sua. (Veja João 2:21; 3:13; 4:14; 5:23; 6:46, 62; 7:37; 8:58; 9:38; 10:30, 38; 11:11, 25; 12:45; 14:15; 16:15; 18:6; 19:30; 20:22).

O Espírito no santo, dessa maneira, ainda O glorifica. O santo pode reconhecê-Lo no lugar da sujeição à aliança, ou pensar n'Ele em Suas tristezas e sofrimentos, mas (como Ele mesmo nos dias de Sua carne) nunca perde o senso daquela glória pessoal que é essencial e intrinsecamente Sua. O próprio caminho de Cristo quando esteve aqui, e a experiência presente do santo, estão, portanto, em perfeita concordância. E quando olhamos um pouco para as epístolas, encontramos algo ainda em harmonia – quero dizer, neste particular. O Espírito nos apóstolos não enfrenta um tratamento injurioso dirigido a Pessoa de Cristo com o mesmo tom com que trata um erro, concernente à verdade do evangelho. E essa diferença de tom é muito significativa. Por exemplo, na epístola aos Gálatas, onde a simplicidade do evangelho é defendida, há uma súplica e um anseio em meio a raciocínios

sinceros e urgentes. Portanto, há medidas e métodos recomendados (como admoestar, acusar, repreender, calar a boca, 1 Timóteo 1 e Tito 1), e não um processo sumário e de exclusão imediata, quando se trata de corrupções Judaizantes. Mas quando é a Pessoa do Filho de Deus que está em questão, quando Sua glória deve ser afirmada, não há nada disso. O tom é outro. Tudo é absoluto. **“Saíram de nós, mas não eram de nós; porque, se fossem de nós, ficariam conosco”**; **“não o recebais em casa”**; **“Todo aquele que ultrapassa a doutrina de Cristo e nela não permanece não tem Deus”** (ARA)⁷.

O Espírito, como posso dizer, considera o decreto como o mais sagrado e o guarda com zelo instintivo, **“Para que todos honrem o Filho, como honram o Pai”** (João 5:23).

Tudo isso a respeito de Sua plena glória divina é precioso aos pensamentos de Seu povo. Somos, no entanto, levados também a contemplar o Homem n'Ele, e por meio de uma sucessão de condições, vemos n'Ele o Homem apresentado a Deus com uma satisfação e deleite infinitos, ainda que variados. Há muito tempo, O tenho seguido da seguinte maneira, como Homem em toda a perfeição:

Nascido – O material, por assim dizer, moral e físico, é apresentado em Jesus como Aquele que nasceu. Ele era um feixe imaculado da colheita humana. O homem n'Ele era perfeito como criatura (Lucas 1:35).

Circuncidado – Jesus, nesse sentido, estava sob a lei, e a guardou, como seria de se esperar, com toda a perfeição. O homem n'Ele era, portanto, perfeito como se estivesse sob a lei (Lucas 2:27).

Batizado – Nesse caráter Jesus é visto Se curvando à autoridade de Deus, reconhecendo-O em Suas dispensações, e o homem n'Ele é perfeito em toda a justiça, bem como sob a lei (Lucas 3:21).

Ungido – Como ungido, Jesus foi enviado para o serviço e o testemunho. Nesse sentido, o homem é visto n'Ele como um Servo perfeito (Lucas 3:22).

Devotado – Jesus entregou-Se a Deus, deixou-Se em Suas mãos para cumprir toda a Sua vontade e beneplácito. N'Ele, o homem era, portanto, perfeito como um sacrifício (Lucas 22:19-20).

Ressuscitado – Este inicia uma série de novas condições nas quais o homem se encontra. Este é o primeiro estágio do novo estado. João 12:31-32 indica um novo curso no homem, como aqui mencionado. O grão de trigo, tendo caído na terra e morrido, agora está capacitado para ser frutífero. O homem em Jesus ressuscitado está em vida indestrutível.

Glorificado – O Homem ressuscitado, ou Homem em vida indestrutível, veste uma imagem celestial. O novo homem tem um novo ou glorioso corpo.

Reinando – O Homem ressuscitado e glorificado recebe, no devido tempo, autoridade para executar o julgamento. O domínio é d'Ele. A soberania perdida do homem é recuperada. A Escritura nos conduz por esta série de contemplações sobre o Filho do Homem. E embora eu fale aqui do Homem, como antes falei da glória divina, não divido a Pessoa. Em tudo isso, é **“Deus manifestado em carne”** que temos diante de nós.

Precisamos caminhar suavemente sobre esse terreno, e não multiplicar palavras. Sobre um tema tão elevado, precioso para o coração amoroso e adorador, podemos nos lembrar do que está escrito: **“Na multidão de palavras não falta transgressão”** (ARC).

Jesus Cristo Veio em Carne

A arca e o arraial eram, em certo sentido, necessários um ao outro durante a jornada pelo deserto. A arca, assentada no tabernáculo sobre o qual repousava a nuvem, tinha que guiar o arraial; e o arraial, em sua ordem, tinha que acompanhar e guardar a arca e tudo o que estava relacionado a ela.

Esta era a missão do arraial. Deveria haver sujeição à vontade d'Aquele que habitava na nuvem; dependência d'Aquele que os guiava diariamente; liberdade consciente por terem deixado o Egito para trás, e esperança por terem Canaã diante deles. Uma mentalidade como esta deveria estar no arraial; mas sua missão era conduzir a casa mística de Deus para o seu descanso, a **"posse da terra das nações"** (AIBB).

A jornada deles por aquele deserto não teria constituído uma peregrinação divina. Muitos já haviam percorrido aquele caminho sem ser estrangeiros e peregrinos com Deus. Para que fossem assim, a arca precisava estar em sua companhia.

A mente do arraial, da qual falei, poderia revelar sua fraqueza, ou esquecer-se de si mesma, e isso poderia levar, como sabemos que levou, a repetidos castigos. Mas se seus deveres, dos quais também falei, fossem abandonados, haveria perda de tudo. E isso de fato aconteceu. O tabernáculo de Moloque foi erguido em lugar da arca de Jeová, e o arraial, portanto, teve seu caminho desviado para Damasco ou Babilônia, longe da Canaã prometida (Amós 5:25; Atos 7:1-3).

E assim acontece conosco. Devemos manter aquelas verdades ou mistérios que o tabernáculo e seus móveis representavam: e o apóstolo confia nossa entrada em Canaã a isso. **"Se... permanecerdes... na fé"**; e novamente: **"se o retiverdes tal como vo-lo tenho anunciado"**. Nossa segurança, nosso descanso na Canaã celestial, depende de guardarmos a verdade.

Contudo, deve-se acrescentar que a verdade deve ser guardada não apenas para a nossa própria segurança, mas para a honra de Cristo. Isso deve ser muito considerado. Suponhamos, por um momento, que a nossa própria segurança não estivesse em questão, mas sim a honra de Cristo, e isso bastaria. Tal coisa é contemplada em 2 João 10: a senhora eleita estava dentro de casa – ela estava em segurança pessoal, mas tinha um dever a cumprir com a **“doutrina de Cristo”**; de modo que, se alguém chegasse à sua porta e não trouxesse essa doutrina, ela deveria mantê-lo do lado de fora e recusar-se a recebê-lo.

O título de entrada é a confissão dessa doutrina, uma confissão de **“Jesus Cristo vindo em carne”** (ARA), uma confissão que envolve ou assegura a glória de Sua Pessoa. Uma confissão completa de Sua obra não serve. Quem está do lado de fora pode trazer consigo uma fé sólida quanto à expiação, à soberania da graça e a verdades semelhantes; mas tudo isso não é garantia para deixá-lo entrar. Deve haver confissão à Pessoa também. **“Todo aquele que vai além do ensino de Cristo e não permanece nele, não tem a Deus; quem permanece neste ensino, esse tem tanto ao Pai como ao Filho. Se alguém vem ter convosco, e não traz este ensino, não o recebais em casa, nem tampouco o saudeis. Porque quem o saúda participa de suas más obras”** (AIBB).

Certamente isso é claro e final. Creio que isso merece muita consideração. A verdade concernente à Pessoa de Cristo deve ser mantida por nós, mesmo que a segurança de nossa alma não esteja envolvida nisso. Admito que nossa salvação esteja envolvida. Mas isso não é tudo. Aquele que não reconhece essa verdade deve ser mantido fora. Isso desperta ternura, bem como força, ao ver que o nome de Jesus está assim confiado à guarda dos santos. É isso que Lhe devemos, se não a nós mesmos. O muro de separação deve ser erguido pelos santos entre eles e a desonra de Cristo.

A mera jornada do Egito para Canaã não basta. Mesmo que a jornada seja acompanhada de todas as provações de uma

estrada tão árida, desprotegida e sem trilhas, ainda assim não é uma peregrinação divina. Uma mera vida laboriosa e abnegada, mesmo que suportada com aquela coragem moral que convém aos peregrinos, não basta. É preciso carregar a arca de Deus, confessar a verdade e manter o nome de Jesus.

Ora, nas epístolas de João, o nome **“Jesus Cristo”** expressa ou indica, creio eu, a Divindade do Filho. O Espírito Santo, ou a Unção, encheu de tal forma a mente daquele apóstolo com a verdade de que **“o Verbo”** que **“Se fez carne”** era Deus, que, embora fale d'Ele por um nome que expressa formalmente o Filho em Sua Humanidade ou em Seu ofício, para João isso não importa. O nome não é nada – pelo menos nada que possa interferir no pleno poder da firme certeza de que Ele é **“Aquele que era desde o princípio”**, o Filho na glória da Divindade. Isso é visto e sentido logo no início de 1 João, e assim, creio eu, em todo o texto. (veja 1 João 1:3, 7; 2:1; 3:23; 4:2; 5:20; 2 João 3-7).

Nos pensamentos desta epístola, **“Jesus Cristo”** é sempre, por assim dizer, este Ente divino, a Vida eterna manifestada. Para João, **“Jesus Cristo”** é **“o Deus verdadeiro”**. Jesus é o **“Ele”** e o **“d'Ele”** no argumento de sua primeira epístola; e este **“Ele”** e **“d'Ele”** sempre mantém diante de nós Aquele que é Deus, embora em relacionamentos assumidos e em tratamentos de aliança.

A confissão, portanto, que é exigida por eles é esta: que foi Deus Quem Se manifestou, ou que veio em carne (veja 1 João 4:2; 2 João 7). Pois nestas epístolas, como vimos agora, **“Jesus Cristo”** é Deus. O Seu nome como Deus é Jesus Cristo. E presume-se ou conclui-se que **“o verdadeiro Deus”** não é conhecido, se Aquele que estava em carne, Jesus Cristo, não for conhecido como tal; e tudo isso simplesmente porque Ele é Deus. Qualquer outro recebido como tal é um ídolo (1 João 5:20-21). A alma que não permanece nesta doutrina **“não tem a Deus”**, mas quem permanece nela **“tem tanto ao Pai como ao Filho”** (2 João 9).

Isto, julgo eu, é a mente e a importância da confissão exigida: **“Jesus Cristo vindo em carne”** (ARA). Falo aqui de Deus sob o

nome de Jesus Cristo, e esta é, portanto, a exigência de uma confissão do grande mistério de **“Deus manifestado em carne”**.

O próprio adjunto (como alguém me escreveu), **“vindo em carne”**, destaca fortemente a Divindade de Cristo; porque, se Ele fosse um homem, ou qualquer coisa inferior ao que Ele é, não seria de admirar que Ele viesse em carne. E 1 João 1:2-3 nos guia aos pensamentos de João quanto ao uso do nome **“Jesus Cristo”**. Aquele que era desde o princípio, a Vida eterna que estava com o Pai, era a Pessoa que ele lhes declarou. As palavras **“com o Pai”** são importantes, tornando evidente que o Filho era o Eterno, sendo o nome deste Filho eterno **“Jesus Cristo”**. E é interessante comparar o final com o início desta epístola: **“Este é o verdadeiro Deus e a (com o artigo) vida eterna”**.

Desejo bendizer ao Senhor por dar à minha alma uma renovada certeza, em tão simples base da Escritura, de que recai sobre nós o dever de manter a honra do nome de Jesus.

No decorrer da jornada de nosso Senhor na Terra, nós O vemos das seguintes maneiras:

Como o Nascido – santo, satisfazendo o pensamento de Deus na natureza ou no material humano.

Como o Circuncidado – perfeito sob a lei, satisfazendo o pensamento de Deus quanto a ela.

Como o Batizado – satisfazendo o pensamento de Deus em ordem e justiça dispensacionais.

Como o Ungido – satisfazendo o pensamento de Deus como Sua imagem ou representante.

Como o Obediente – fazendo sempre aquelas coisas que agradam ao Pai,

Como o Devotado – satisfazendo o pensamento de Deus em todas as coisas; e entregando Sua vida (João 10:17-18).

Como o Ressuscitado – selado com a aprovação de Deus na vitória pelos pecadores.

Assim, Ele satisfaz toda a vontade de Deus enquanto provê para nós. Tudo foi magnificado n'Ele e por Ele, tudo foi tornado honroso. O deleite que Deus pretendia ter no homem, ou a glória por meio dele, foi ricamente correspondido no bendito Jesus. Pois, enquanto em Sua Pessoa Ele era **“Deus manifestado em carne”**, na sucessão de Seus estágios pela Terra, Ele estava realizando todo o propósito divino, deleite e glória no homem. Nada indigno de Deus havia no Homem Cristo Jesus, em Sua Pessoa, em Suas experiências ou em Seus caminhos.

A Ceia do Senhor

Devemos, com base na autoridade divina e na inteligência espiritual e bíblica, sustentar que a ceia do Senhor é a expressão característica do dia do Senhor – aquilo que deve então se tornar o principal.

Se lermos Lucas 22:7-20, aprenderemos que a páscoa dos Judeus e a ceia do Senhor, sendo então celebradas sucessivamente – uma após a outra –, esta última, a partir de então, substituiria a primeira, e para sempre. A primeira, com outros significados a ela associados, era o prenúncio do grande Sacrifício que viria no devido tempo, para tirar o pecado. A segunda é agora a celebração do grande fato de que aquele Sacrifício foi oferecido e que, pela fé, o pecado é tirado.

Após a instituição da ceia do Senhor, portanto, é impossível retornar à páscoa. Seria apostasia – uma renúncia ao Cordeiro de Deus e à expiação.

Mas, se a ceia substituiu assim a Páscoa, podemos então perguntar: “Há algo que a substitua?” Podemos ler nossa resposta em 1 Coríntios 11:26, e aprender ali que a ceia do Senhor é estabelecida como uma instituição permanente na casa de Deus até o retorno do Senhor. O Espírito Santo, por meio do apóstolo, lhe dá um lugar permanente durante toda esta era de ausência do Senhor.

Concluo, portanto, que não devemos permitir que nada tome o lugar que a ceia tem. É parte da nossa fidelidade na administração dos mistérios de Deus afirmar o direito dessa ceia de ser o elemento principal na assembleia dos santos. Ela substituiu a páscoa pela autoridade do próprio Senhor; mas nós, pela autoridade do Espírito Santo, não devemos permitir que nada a substitua. É o serviço próprio da casa de Deus. A ceia do Senhor é a principal coisa para o dia do Senhor.

Isso surge naturalmente no curso da história do Cristianismo no Novo Testamento. Lemos em Atos 20:7: **“no primeiro dia da semana, ajuntando-se os discípulos para partir o pão”**. E novamente, em 1 Coríntios 11:33: **“Portanto, meus irmãos, quando vos ajuntais para comer, esperai uns pelos outros”**.

Se abandonarmos a ceia por um sermão, ou por uma grande congregação, ou por qualquer outra cena ou serviço religioso, teremos abandonado a casa de Deus em seu devido caráter e em sua ocupação e adoração divinamente designadas. Em tal caso, somos culpados de apostasia. É verdade que não retornamos à páscoa deslocada ou substituída; mas permitiríamos que algo, seja o que for, tomasse o lugar ou substituisse o que o Espírito Santo estabeleceu como principal na casa de Deus. E, se tivéssemos o coração correto, diríamos: *“Qual sermão seria mais proveitoso para nós? Que canto de uma congregação numerosa seria mais doce aos nossos ouvidos do que a voz daquela ordenança que nos fala tão claramente e com tão rica harmonia de toda a espécie de música sobre o perdão dos nossos pecados, sobre a aceitação de nossa pessoa e sobre a nossa espera pelo Senhor vindo do céu, e tudo isso em bendita e maravilhosa comunhão com a mais resplandecente manifestação do nome e da glória de Deus?”*

Sim, a mesa à qual nos assentamos é uma mesa familiar. Em espírito, estamos na casa do Pai. Pela mesa, nos é dado a conhecer que estamos num relacionamento; e que isso está logo ali no reino de glória; pois **“se filhos, também herdeiros”** (TB). Se estamos no reino do Filho amado de Deus, estamos ao lado da herança (Cl 1). E ali a mesa é mantida até que Cristo volte.

O Novo Cântico

Tudo é confusão e perturbação; mas tudo está amadurecendo aquele material rebelado e apóstata, por cujo julgamento o Senhor tomará o reino. **“Os gentios se embraveceram; os reinos se moveram; Ele levantou a Sua voz e a Terra se derreteu”.**

Como Conquistador, o Senhor tomará Seu reino em breve, ou entrará em Seu segundo sábado. outrora, o sábado foi o descanso d'Aquele que havia trabalhado; mas o sábado vindouro será o descanso d'Aquele que lutou uma batalha e venceu. Este **“repouso”** que **“resta ainda”**, portanto, será adentrado por um caminho mais árduo e difícil do que o anterior; pois será adentrado por meio das aflições e conflitos que o pecado ocasionou, e por meio do julgamento da iniquidade.

O Senhor Deus outrora entrou em Seu descanso ou sábado como Criador. Ele havia completado a obra de seis dias e, no sétimo, descansou e foi revigorado⁸.

Sabemos que o sábado foi perturbado e perdido pelo pecado do homem; mas também sabemos de um sábado vindouro, **“repouso”** que **“resta ainda”**, como lemos.

Poderíamos perguntar, então: “Em que caráter será adentrado, ou por quem?” E toda a Escritura responde: “Por conquistadores”. Davi abrindo caminho para Salomão é uma figura disso. Salomão era o pacífico – um nome que não implica uma simples vindicação ou abstrato descanso, mas sim um descanso após um conflito ou guerra. Ele indica um descanso que vem de triunfo; algo mais do que a cessação do trabalho.

Assim, o Senhor entra no reino como **“O SENHOR forte e poderoso, o SENHOR poderoso na guerra”**; como alguém que acaba de obter a vitória, **“com vestiduras tintas de escarlate”** (veja Sl 24:8; Is 63:1 – AIBB; Ap 19).

Cristo como Conquistador é, no entanto, conhecido em diferentes cenas e épocas, e em diferentes formas e maneiras, antes de entrar no reino.

Assim que Ele entregou o espírito, a vitória de Sua morte foi reconhecida no céu, na Terra e no inferno; pois o véu do templo se rasgou em dois, as pedras se fenderam e os sepulcros foram abertos.

Ao entrar nos céus, Ele foi recebido e assentou-Se como Conquistador. Ele foi imediatamente reconhecido lá como recém-saído de Seu conflito e conquista aqui. Como Aquele que havia vencido, Ele assentou-Se com o Pai em Seu trono. Portanto, agora, em espírito, podemos cantar um novo cântico, ou um cântico de conquista.

Quando Seus santos se levantarem para encontrá-Lo, eles irão, cada um em sua própria pessoa, manifestar a Sua vitória – a vitória que Ele conquistou para eles. O brado deles ascendente e em resposta a proclamará: **“Graças a Deus, que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo”** (1 Co 15).

Nessas diferentes épocas e formas, o triunfo de Cristo é celebrado antes de Sua entrada no reino. E que verdade animadora e bendita é esta: Jesus subiu ao alto como um Conquistador. Mas nunca, até que Jesus ascendeu, o céu conheceu um Conquistador. Posso dizer que um eco distante de Sua vitória havia chegado ali, quando o véu do templo se rasgou; mas o céu nunca havia sido o lugar de um conquistador até que o Senhor retornasse para lá. O Senhor Deus em Suas glórias esteve lá, o Senhor Deus como Criador e Governante também, e os anjos que se sobressaem em poder lá serviam. Alguns que não guardaram seu primeiro estado lá podem ter sido expulsos, e outros cantaram quando os fundamentos da Terra foram lançados; mas nunca a presença de um conquistador havia adornado e alegrado o céu até que Jesus ascendesse. Mas então foi assim. Ele havia destruído aquele que tinha o poder da morte; Ele havia levado cativo o cativeiro; Ele havia exposto

publicamente os principados; Ele havia vencido o mundo; Ele, como o verdadeiro Sansão, havia carregado as portas inimigas até o cume do monte. As vestes mortuárias haviam sido deixadas no sepulcro vazio, como despojos de guerra e troféus de conquista.

E assim, como Conquistador, Jesus ascendeu. O céu já havia conhecido o Deus vivo, mas nunca antes o Deus vivo em vitória; e nossa ascensão após Ele, apenas proclamará, em outras palavras, o triunfo e será mais uma demonstração de uma hoste de conquistadores. Então, no fim, quando o reino for adentrado, ele será adentrado (como já dissemos) por um Conquistador após Seu dia de batalha e guerra de libertação das mãos dos inimigos. O reino assim erguido sobre a ruína do inimigo será inabalável.

Agora, de acordo com tudo isso, creio eu, é o **“novo cântico”** sobre o qual lemos na Escritura; pois os cânticos ali são cânticos de conquistadores, e são, por assim dizer, prenúncios do cântico do reino. Tal foi o de Moisés e da congregação às margens do Mar Vermelho; tal foi o de Débora; tais foram as declarações, se assim podemos chamar de cânticos, de Ana e de Maria; e tal será o cântico de Apocalipse 15 em seu devido tempo – os harpistas no céu, ali em vitória sobre a besta, e sobre sua imagem, e sobre sua marca, e sobre o número de seu nome.

Isso nos dá um **“novo”** tema para cantar ou alegrar-nos e, portanto, **“o novo cântico”**. O antigo cântico, cantado pelas estrelas da manhã sobre os fundamentos da Terra, não era um cântico de conquistador, um cântico que celebrava uma vitória divina, seja pela redenção ou pela vingança dos escolhidos de Deus. Não havia tema de vitória então, pois nenhuma batalha havia sido travada e vencida. Mas o pecado entrou desde então. Uma grande força contrária entrou em ação, e o Senhor teve que sair como **“um Homem de guerra”**, o Deus das batalhas; e, portanto, no final, um novo cântico, um cântico com um novo tema ou peso, deve ser despertado para celebrá-Lo nessa nova ação ou caráter de glória. O cântico de Moisés era um cântico de conquistador, e assim, era o cântico do Cordeiro. **“Cantai ao**

SENHOR um cântico novo, porque Ele tem feito maravilhas; a Sua destra e o Seu braço santo Lhe alcançaram a vitória" (ARA). O cântico sobre a criação deve dar lugar, em amplitude e melodia, ao cântico sobre os triunfos de Jesus. A primeira **"pedra de esquina"** foi colocada pelo Criador, e os anjos cantaram (Jó 38:6); a segunda é trazida em vitória, e Israel exclama em brados de júbilo (Sl 118; Zc 4).

Que novas honras, podemos dizer com adoração e gratidão, estão sendo preparadas para Ele através de nossa história, e que novas alegrias para o céu! Pois Suas vitórias têm sido por nós, realizando, como observei, nossa libertação e justificação diante de nossos inimigos. A glória dessas vitórias é d'Ele, o fruto delas é nosso. Cristo não aparece como um Conquistador naquilo que Ele faz diante de Deus por nós, como nosso resgate, ou Resgatador pelo preço de Seu sangue. Em toda essa ação Ele sofre, em vez de conquistar; mas Ele é Conquistador contra o inimigo, redimindo-nos dele ou vingando-nos dele.

E é um pensamento jubiloso que o Senhor entrará em Seu reino vindouro como um Conquistador, tomando o trono de Salomão, o pacífico, após as guerras e vitórias de Davi. Mas esse gozo implica cenas de caráter tremendo. O triunfo, por si só, é uma ideia brilhante, mas está repleto de lembranças de campos de batalha e cenas de derramamento de sangue. E o mesmo acontece com o Senhor Jesus. O gozo de vê-Lo em triunfo e o poder de Seu reino é radiante e reconfortante, mas **"o lagar"** precisa primeiro ser **"pisado"**.

E ainda mais – embora isso seja solene – o pisar do lagar, ou a execução do julgamento divino, fala da corrupção anterior ou do amadurecimento da **"videira da terra"**. Se o Senhor, em juízo, tem que pisar o lagar, o lagar primeiro tem que estar cheio.

E onde estamos realmente situados neste momento? Não na possessão do reino inabalável; não à vista do triunfo que o anunciará, nem na audiência do novo cântico que há de acompanhar esse triunfo; não na visão do campo de Bozra e das

vestes salpicadas de sangue, o dia do juízo divino que conduz ao triunfo; mas em certo estágio do amadurecimento da videira de Sodoma, que em breve será lançada no lagar, ou seja, enfrentará o juízo do Senhor.

Ali estamos, e o momento é solene. Cada dia, como o calor do verão, somente amadurece e prepara as uvas de fel ou os cachos de Gomorra. Nossas perspectivas são, portanto, estranhas, terríveis e gloriosas além da imaginação. Esperamos pelo aumento crescente do mal, pelo lagar da ira de Deus para recebê-lo e julgá-lo, e então pelo triunfo e pelo reino de Jesus. Por tais coisas, esperamos, até onde nossos olhos se voltam para a Terra; mas estamos **“na encruzilhada, na entrada dos dois caminhos”** (ARA). Enoque estava lá antes. Ele olhou para o caminho da Terra, e lá viu o amadurecimento da impiedade, e o Senhor com milhares de Seus santos vindo para executar o juízo; mas ele mesmo foi levado para cima, para o caminho dos céus (Judas 14; Hebreus 11:5). O novo cântico foi cantado por Jesus após Sua ressurreição (Salmo 40:3); ele será cantado pelos santos após sua ressurreição ou ascensão ao céu (Ap 5:9); e então será cantado por Israel no reino que é a sua ressurreição (Sl 98:1).

O Templo de Deus

Nos dois templos, o de Jerusalém, na antiga dispensação, e o do Espírito, na nova, vemos um significado em tudo o que há neles. Hebreus 9:8-9 nos dá uma indicação disso a respeito do santuário; e mostra o caráter do serviço ali; o véu permanecendo constantemente abaixado para impedir o acesso do adorador à presença de Deus, ou do Santo dos Santos, era a figura para o tempo então presente. Exibia o caráter daquela dispensação, que nunca, com os sacrifícios que oferecia, dava confiança ao pecador, nem purificava a consciência, nem o aproximava como adorador. Vemos o mesmo significado no templo do Novo Testamento; tudo o que é dito sobre ele tem uma voz que nos fala do tempo presente e exibe o caráter da dispensação em que estamos tão claramente quanto o outro templo exibiu. Como prova disso, eu examinaria 1 Coríntios 11, onde (e até o final de 1 Coríntios 14) o apóstolo está tratando das ordenanças e da adoração da casa de Deus, ou o templo do Novo Testamento. Este capítulo pressupõe que os santos estejam em assembleia ou ordem eclesiástica, e ao analisarmos sua ordem conforme detalhado aqui, vários objetos nos chamam a atenção. (Até o versículo 17, não vemos que se trata da assembleia. O editor.)

Primeiro, vemos *homens e mulheres sentados juntos*. Isso demonstra seu interesse igual e comum em Cristo, onde não há homem nem mulher, como lemos aqui: **“Todavia, nem o homem é sem a mulher, nem a mulher sem o homem, no Senhor”**; pois, considerados pessoalmente, eles têm a mesma posição na Igreja de Deus.

Em segundo lugar, vemos o *homem descoberto e a mulher coberta*. Isso nos revela a diferença entre eles, considerada misticamente, como lemos aqui: **“Porque o homem não provém da mulher, mas a mulher do homem”** (vs. 8-9). E essas duas coisas são verdadeiras, não apenas quanto a Adão e Eva, mas

também quanto a Cristo e a Igreja, de modo que na assembleia a mulher deve carregar o sinal da submissão (isto é, a cabeça coberta), Gênesis 24:65, e o homem deve aparecer sem o sinal, apresentando assim misticamente **“Cristo e a Igreja”**.

Terceiro, *em seguida, vemos a ceia preparada*. Isso nos explica por que a assembleia se reuniu e o caráter da dispensação à qual a Igreja agora está inserida; pois nos mostra que o véu se foi. O sangue de Jesus o rasgou e foi trazido em seu lugar. A mesa nos fala do Cordeiro Pascal e da festa dos pães asmos sobre ela, e, portanto, da remissão completa dos pecados, e também do exercício do julgamento próprio, e essas coisas são exatamente o que a Igreja desfruta e observa *até que o Senhor venha*.

Assim, essas características na assembleia possuem todo o seu significado. Portanto, a assembleia dos santos, formada dessa maneira, constitui o templo do Novo Testamento feito de pedras vivas, e erguido dessa forma é um bendito testemunho para o tempo presente. Cada objeto nos fala de seu caráter; olhamos para a assembleia dos santos e vemos as grandes verdades da era presente refletidas como num espelho, assim como no santuário, sob a lei, havia uma figura das coisas então presentes.

Tudo isso é claro e simples; mas, ao meditar mais sobre o assunto, observe que há ainda mais significado nas coberturas usadas pela mulher na assembleia do que eu havia observado antes (1 Co 11:5-6). Este poder ou cobertura sobre a cabeça deve ser considerado principalmente como significando a sujeição que a mulher deve ao homem, que é a sua cabeça, ou a sujeição que a Igreja deve ao seu Senhor. O poder, ou cobertura sobre a cabeça, era o sinal disso e, portanto, era adequado à mulher na assembleia, pois sem ele ela desonrava o homem, que é a sua cabeça (v. 5).

Mas há mais do que isso, pois o apóstolo acrescenta que, se a mulher não estiver coberta, que também tosque ou rape o seu cabelo, o que ele então diz que seria uma vergonha para ela (v. 6). Qual era a vergonha da qual o estado rapado ou tosquiado da cabeça de uma mulher era a confissão? Isso deve ser

determinado por uma referência à lei, e sob ela encontramos duas ocasiões em que a mulher era rapada ou ficava descoberta. Primeiro, quando uma esposa estava sob suspeita (Números 5). Segundo, quando ela havia sido recentemente tomada cativa e estava lamentando a casa de seu pai, ainda não unida ao Judeu que a havia capturado em batalha (Dt 21). Esse estado rapado de uma mulher assim expresso mostrava que ela não estava desfrutando nem da plena confiança, nem da plena alegria de um marido.

Ora, a mulher não deveria aparecer com tais marcas sobre si; pois a Igreja não deve ser vista como se fosse suspeita por Cristo, ou como se ainda se sentisse uma *cativa entristecida*. Isso seria a sua vergonha! Mas a cobertura sobre a sua cabeça mostra que a Igreja não se encontra em nenhum desses estados, mas, pelo contrário, está feliz na afeição e na confiança do Senhor; e é assim que deve ser – esta é a sua glória.

Assim, a mulher coberta na assembleia demonstra as duas coisas concernentes à Igreja – o feliz e honroso estado atual da Igreja com Jesus, bem como sua inteira sujeição a Ele como seu Senhor – ou seja, tanto reconhecendo-O como Senhor quanto desfrutando da presença afetuosa de Cristo, que afasta a sensação de cativeiro; enquanto, por outro lado, a cabeça descoberta seria uma negação de ambos – uma desonra para o homem e uma vergonha para a mulher, além de prestar um falso testemunho aos anjos, que estão aprendendo os profundos mistérios de Cristo por meio da Igreja (Ef 3; 1 Co 9).

Cristo foi visto por eles primeiro (1 Tm 3:16), eles observaram e acompanharam todo o Seu progresso da manjedoura à ressurreição; e agora eles estão aprendendo com a Igreja e observando seus caminhos, e se a mulher na assembleia aparecesse descoberta, os anjos estariam aprendendo a lição incorretamente. A cabeça raspada da mulher foi considerada adequada para a dispensação da lei; pois então a sensação de cativeiro não havia desaparecido, o espírito de escravidão ainda

estava no adorador, e os laços com a carne ainda não haviam sido completamente esquecidos; mas agora não estamos **“na carne, mas no Espírito”**, por estarmos unidos ao Senhor, e há liberdade e não escravidão.

Os Verdadeiros Adoradores

A *Igreja de Deus* é uma verdadeira adoradora exatamente pelos mesmos fundamentos, adorando de acordo com a revelação ampliada que Deus fez de Si mesmo. Os verdadeiros adoradores agora são aqueles que o *Pai*, em Sua graça, buscou e encontrou, e a adoração deles procede disto – que o *Filho* lhes revelou o *Pai*, e eles têm comunhão com o *Pai* e com Seu Filho Jesus Cristo. Isso ainda ocorre, como em todos os outros casos de adoração em verdade, por causa da revelação que Deus fez de Si mesmo.

Mas há algo além disso na adoração presente da Igreja; ela é “**em espírito**”, bem como “**em verdade**” (João 4:21-24; 1 Coríntios 12:12), porque o Espírito Santo nos concedeu a capacidade de adorar, habilitando os santos a chamar Deus de “**PAI**” e Jesus Cristo de “**SENHOR**”. Há agora *poder comunicado*, bem como revelação para a finalidade da adoração. Os adoradores são filhos e também sacerdotes (Hebreus 5:5-6); tendo acesso com confiança como filhos, eles estão no lugar santo – tendo o altar de bronze (a lembrança do pecado) atrás deles, e a plenitude de Deus revelada, e tudo o que deve ser para a bênção.

Tudo é revelado aos adoradores agora, pois o segundo véu está rasgado diante deles, e eles veem seu *Pai* no propiciatório, no trono do santuário; O sangue do Filho os introduziu ali, e a habitação do Espírito Santo os leva a adorar de uma forma digna de tal santuário, e o *Pai*, buscando tais que O adorem, não Se contenta com nada menos do que aquilo que a confiança, o amor e a honra dos filhos Lhe conferem. Tal é, creio eu, a adoração em espírito e em verdade, pois assim é onde está de acordo com a revelação e na graça do Espírito Santo.

Mas seus elementos ou sua forma podem ser muito diferentes, como podemos notar mais adiante; pois, entendida de forma apropriada e simples, adorar é render glória a Deus no santuário, de acordo com Sua própria revelação de Si mesmo. Muitas coisas

podem rodeá-la ou acompanhá-la, mas que não são, de forma simples e apropriada, adoração. Abel adorou quando colocou seu cordeiro no altar, embora isso fosse muito simples; mas foi suficiente, pois era se apresentar diante de Deus da maneira designada e reconhecer Sua glória.

Assim Abraão adorou quando ergueu um altar a Deus, que lhe apareceu (Gn 12:8). Israel adorou quando curvou a cabeça diante da revelação de Deus por Moisés (Êx 4:30-31; 12:27); assim como Moisés fez em outra revelação (Êx 4:8). Assim Davi adorou (1 Cr 21:21). E assim a congregação de Salomão (2 Cr 7:3) e a de Josafá (2 Cr 20:18) adoraram; e embora não seja chamada dessa forma, a unção da coluna de Betel por Jacó foi adoração, porque era reconhecer a Deus de acordo com Sua revelação; e assim quando Davi **"ficou diante do Senhor"** foi adoração, creio eu, com base no mesmo princípio (2 Sm 7). Jó adorou quando se prostrou em sujeição aos tratamentos de Deus com ele. Eliezer adorava quando inclinava a cabeça, pois nesse ato reconhecia a bondade divina para com ele (Gn 24:26, 52). A nação de Israel adorava quando apresentava seu cesto das primícias, pois seu cesto falava a Deus de Seus próprios caminhos em graça – expunha Seus louvores no santuário (Dt 26). A subida dos homens nas três festas anuais à **"cidade do grande Rei"** era adoração, pois tais festas expunham os próprios atos e caminhos em graça de Deus, e isso é adoração. O que eram todos esses atos senão o reconhecimento agradecido para com Deus, de acordo tanto com o que Ele havia feito como com o que Ele havia falado, e a aceitação de Sua misericórdia de acordo com isso?

Parece-me que a congregação do Senhor deve entrar no santuário do Senhor agora com adoração semelhante – com o propósito de manifestar o louvor a Deus – as virtudes ou louvores d'Aquele que nos chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz – os louvores que Ele conquistou para Si mesmo por Seus próprios atos e revelações benditos – e isso é feito no partir do pão com ações de graças, de acordo com Sua ordenança. Esse é o serviço que expõe o que Deus fez, declarando que Ele providenciou um

remédio para o pecado. É uma lembrança, não do pecado, como os sacrifícios segundo a lei (Hb 10:3), mas uma lembrança de **"Mim"**, diz Jesus, e consequentemente dos *pecados tirados*. Portanto, é um ato de adoração, ou uma entrega a Deus de Sua própria glória – a glória de Seus atos e revelações. Orar pelo perdão dos pecados seria uma dissonância com a mesa; seria (ainda que de forma não intencional) uma afronta ao sacrifício do Filho de Deus; seria reconstruir as coisas que Cristo havia destruído; e, na linguagem e no sentido de Gálatas 2, torná-Lo ministro do pecado – fazendo do Seu sangue, como o sangue de touros e bodes; apenas a lembrança do pecado, e não o remídio do pecado.

Mas cercar a mesa com ações de graças e participar da festa com louvor pela redenção seria honrar a obra do Cordeiro de Deus que a festa apresenta e, portanto, é sempre acompanhada dessa forma que a Escritura nos apresenta. Jesus, ao tomar o pão e o cálice, **"deu graças"** (Mt 26; Mc 14; Lc 22). Ele não fez nada além disso. As palavras abençoar e dar graças são, para todos os efeitos morais, usadas no mesmo sentido; e, com o mesmo pensamento, o apóstolo o chama de **"o cálice da bênção que abençoamos"**, porque por esse cálice, ou por essa morte e derramamento de sangue de Jesus que ele representa, Ele Se intitula, com grande dignidade, ao louvor. Pode ser acompanhada de confissão de pecados, pois tal confissão não estaria em discordância com esta ceia. Mas ainda assim não encontramos alusão a isso em nenhuma passagem que se refira à ceia; por essas passagens, a ceia assume a forma simples de ser uma festa eucarística⁹, ou um momento de ação de graças pela remissão dos pecados. Ela diz (pelo menos a mesa tem essa voz); **"Dai bebida forte ao que está prestes a perecer, e o vinho aos amargurados de espírito; Que beba, e esqueça da sua pobreza, e da sua miséria não se lembre mais"**. No entanto, certamente, o serviço de julgamento próprio e exame próprio pode muito bem preceder esta festa.

Em devida ordem, as mulheres cobertas e os homens descobertos comparecem diante do Senhor e partem o pão (1 Coríntios 11). Isso é ocupar o lugar para o qual o Senhor os chamou e, assim, isso proclamar Seu nome e louvor, e isso é dar a Ele a glória que Ele, de forma tão bendita, conquistou; por assim dizer, é como Israel apresentando seu cesto. É como curvar a cabeça diante da revelação de Sua misericórdia.

O serviço é eucarístico. É uma festa sobre um sacrifício. É a casa do Pai aberta com o retorno do filho pródigo. E esta é a nossa adoração apropriada, pois é **“em verdade”**, segundo a revelação, segundo a *provisão perfeita* que o nosso Deus fez pelos nossos pecados na dádiva e nos sofrimentos de Jesus. Assim, quando os primeiros discípulos se reuniram, foi para este ato de adoração ou serviço (Atos 20:7; 1 Coríntios 10:11). Outras coisas podem cercá-lo ou acompanhá-lo, mas esta era a adoração deles; isso os levou ao santuário – esta era a ocupação deles ali.

Encontro em Deuteronômio 26 que outras coisas podem acompanhar a adoração, pois depois que Moisés os orienta quanto ao seu cesto, ele lhes fala sobre confissão e oração. Assim Moisés orou após sua adoração em Êxodo 34. Assim, os anciãos comeram e beberam na presença de Deus, que era propriamente sua comunhão ou adoração. Mas Moisés já havia previamente falado a eles sobre a aliança (Êxodo 24), como em Atos 20 os discípulos se reuniram para **“partir o pão”**, mas Paulo dirigiu-lhes um longo discurso; como também, na primeira instituição da ceia, o Senhor reuniu Seus discípulos com o propósito da ceia, mas Ele os ensinou sobre outras coisas também e, antes de se separarem, eles cantaram um hino; e o mais significativo é que a mesma coisa nos é transmitida em 1 Coríntios 11 e 14, onde a casa de Deus, ou local presente de adoração, é amplamente aberto para nós.

Pois ali o apóstolo mostra os discípulos, misticamente, e devidamente cobertos e descobertos, na adoração, um serviço de partir o pão. Ele nos diz claramente que era para esse fim que

se reuniam. Mas então ele considera os “*espirituais*”. Ele considera o que pode acompanhar a *adoração* – a invocação de Jesus, ou o ministério da Palavra na vida e no poder do Espírito Santo dado aos santos – e assim ele revela o santuário e suas ações e utensílios, mostrando o que era a própria adoração, e então o que poderia devidamente acompanhá-la.

Em 1 Timóteo 2, recebemos instruções quanto ao serviço posterior dos santos na assembleia – que a oração e a intercessão, tão amplas e livres quanto a graça que os havia resgatado, deveriam marcar sua união e encher o templo vivo de Deus. Mas ainda assim, essa intercessão não é simples e propriamente adoração. A adoração deles ainda era o partir do pão, porque esse era o ato que exaltava o louvor de Deus, ou Lhe dava a glória de Seus atos e tratamentos presentes com eles e por eles, e era isso que os unia. A doação de esmolas também acompanhava devidamente a adoração, assim como poderiam a oração e o ministério da Palavra; mas, da mesma forma, é simplesmente um acompanhamento, como a libertação do preso na festa.

As duas coisas são apresentadas distintamente na história de Abraão. Ele é um adorador em seu altar. Mas então não ouvimos nenhuma súplica dirigida a Deus por ele. Ele é um suplicante a respeito de Sodoma, e ali não vemos altar algum (Gn 18:23). Isso é muito claro, definindo claramente o caráter da adoração e mostrando que o partir do pão é claramente o serviço do santuário agora, independentemente de qualquer outra coisa que possa entrar com ele. Pois Deus deve ser adorado segundo Ele mesmo (João 4), e tomar qualquer coisa como autoridade na religião, que não fosse proveniente d'Ele, nos mostra que o homem não deve determinar suas próprias maneiras como adorador, pois isso mutilava a adoração, como o Senhor disse aos Judeus em Mateus 15 (de cujo princípio Deuteronômio 12 é mais uma testemunha)¹⁰. A *disposição voluntária* na adoração é correta; a *obstinação destrói tudo*. De sua própria vontade, eles trouxeram suas ofertas (Lv 1:3; 7:16); mas isso deveria ser feito *como e onde o*

Senhor quisesse. Assim é conosco; Devemos adorar “**em espírito**”, isso é a mais pura verdade – na graça e liberdade do Espírito Santo que nos foi dada; mas devemos adorar “**em verdade**” também, segundo a revelação que Deus faz de Si mesmo e da Sua adoração. Disso eu já falei.

A manutenção de bosques e lugares altos em Israel sempre foi testemunha de que o povo não havia preparado devidamente seu coração para buscar o Senhor Deus de Israel, o único Deus verdadeiro, que havia estabelecido Seu nome em Jerusalém (2 Crônicas 14:3; 15:17; 17:6; 19:3; 20:33).

Sobre o tema da adoração, eu ainda acrescentaria que o gozo e um espírito de gratidão e liberdade a caracterizaram em todos os tempos. Adão desfrutando do jardim e de seus frutos era adoração. A apresentação do cesto por Israel e a celebração das festas eram adoração, e quanta alegria e ações de graças convinham a tais ocasiões! Os santos reunidos em torno da mesa do Senhor constituem agora a adoração, e o espírito de confiança de filhos, de ações de graças e de liberdade deve enchê-los. Todos esses atos de adoração, em diferentes épocas, foram marcados pelo gozo em diferentes ordens, *pois certamente um Deus de amor é um Deus de gozo.*

Adoração

Com esta breve visão dos templos, consideremos a adoração que poderia encher os templos. A verdadeira adoração, assim como o verdadeiro conhecimento de Deus, sempre flui da revelação, pois o homem, pela sabedoria, não conhece a Deus. A adoração, para ser verdadeira, deve estar de acordo com a revelação que Deus fez de Si mesmo, e eu gostaria de traçar isso um pouco através da Escritura.

Abel era um verdadeiro adorador; sua adoração ou oferta era segundo a fé, isto é, segundo a revelação (Hb 11). As primícias do seu rebanho que ele ofereceu eram conforme a Semente ferida da mulher e conforme as túnicas de pele com que o Senhor Deus vestira seus pais.

Noé seguiu *Abel* e também adorou com a fé na Semente ferida da mulher; ele tomou sua nova herança somente em virtude do sangue (Gn 8:20); ele era, portanto, um verdadeiro adorador – adorando a Deus como Ele havia Se revelado.

Gênesis 12:7; aqui vemos *Abraão* seguindo os passos deles, um verdadeiro adorador. Posso observar que há uma notável ausência de vontade própria em *Abraão*: ele creu em Deus e no que lhe foi dito; ele saiu como lhe foi ordenado; ele adorou como lhe foi revelado.

Isaque, precisamente no mesmo caminho de *Abraão*, adorou o Deus que lhe havia aparecido, não pretendendo ser sábio, tornando-se assim um tolo, mas em simplicidade de fé e adoração, como *Abraão*, erigindo seu altar ao Deus revelado (Gn 26:24-25).

Jacó era um verdadeiro adorador. O Senhor lhe aparece em sua tristeza e degradação, na miséria à qual seu próprio pecado o havia reduzido, revelando-Se assim como Aquele em Quem a misericórdia triunfa sobre o juízo (ARC), e ele imediatamente

reconhece Deus como assim lhe foi revelado, e este Deus de Betel foi seu Deus até o fim (Gn 48:15-16). Aqui houve uma revelação ampliada de Deus, e a adoração seguiu tal revelação, e esta é a verdadeira adoração.

A *nação de Israel* era uma verdadeira adoradora; Deus havia Se revelado a Israel de diversas maneiras – Ele lhes deu a lei da justiça e também a sombra dos bens futuros. Por meio da lei, Ele multiplicou as transgressões, e pela sombra dos bens futuros, Ele proveu remédio: e a adoração de Israel era de acordo com isso. Havia uma extrema sensibilidade ao pecado, com encargos para aplacá-lo, que eles não eram capazes de suportar, e assim o espírito de escravidão e medo era gerado. Israel havia se tornado cada vez mais consciente do bem e do mal, e sua adoração era correspondente a isso. O tabernáculo ou templo onde toda a adoração acontecia conforme a adoração estabelecida ainda podia ser colocado de lado, porque não era a coisa perfeita, e Deus, apesar disso, poderia mostrar o melhor se quisesse; e assim Ele fez em várias ocasiões. Testemunhem Gideão, Manoá e Davi.

Gideão adorou segundo uma nova revelação de Deus, apesar de Siló e do tabernáculo; sua rocha tornou-se o lugar ordenado, ou o altar ungido, justamente por causa dessa revelação e ordem de Deus (Jz 6:14-26). *Manoá* transforma aquilo que supunha ser uma refeição em sacrifício, porque o Senhor havia revelado Seu desejo de que assim fosse (Jz 13:15, 19). *Davi*, a mando do Senhor, volta-se do altar ordenado ou consagrado para outro, que estava na herança impura de um gentio, onde, no entanto, como outrora em Betel, a misericórdia triunfou sobre o juízo, e onde, consequentemente, Deus havia construído para Si outra casa. **“Esta será a casa do SENHOR Deus”**, diz Davi (1 Crônicas 22). Assim, então, esses três casos foram casos de adoração verdadeira, embora manifestamente um afastamento da adoração estabelecida por Deus.

O leproso curado era um verdadeiro adorador, embora, da mesma forma, tenha se desviado da ordem *estabelecida*, da ordem divinamente *estabelecida*, justamente porque, sem uma ordem, apreendeu Deus em uma nova revelação de Si mesmo (Lucas 17:11-19). A cura tinha uma voz no ouvido da fé, pois somente o Deus de Israel poderia curar um leproso (2 Reis 5:7). Isso era ainda mais excelente do que o mesmo tipo de fé em Gideão, Manoá ou Davi.

J. G. Bellett

Notas

[←1]

O “**iníquo**” será revelado, mas é “**o mistério da iniquidade**” que agora está operando;

[←2]

Ele estava **“no Espírito”** (Ap 1:10). E sabemos que o Espírito era como um carro para transportar os profetas da antiguidade, seja de fato ou em visão, de um lado para o outro. (veja 1 Reis 18:12; Ezequiel 3:12; Atos 8:29).

[←3]

Eles superaram a medida de Jó. Ele clamou “pelo sangue do Cordeiro” (veja Jó 19:25), mas falhou na devoção de um mártir e não estava preparado para o lugar da morte.

[←4]

Não duvido que as “grandes exibições” da atualidade sejam planejadas por Satanás para incitar o mundo a essa admiração idólatra pelo homem, para que esteja mais preparado para a besta quando ela aparecer em todo o seu fascínio. O santo deveria se retirar disso para Jesus.

[←5]

A repreensão do Senhor a Filipe não tem aplicação tão direta à incredulidade de Filipe no que diz respeito à Pessoa do Filho, como à sua incredulidade com respeito à revelação do Pai que havia sido feita pelo Filho: a outra está envolvida.

[←6]

Não é a coisa recebida que torna seu gozo completo, mas a prova que recebem de que eles têm para si mesmos o coração e os ouvidos do Pai. O Pai, e não o dom, faz isso por eles, completando o gozo deles. Veja João 16:24.

[←7]

Comer apenas legumes e observar dias santos, se interpretados integralmente, são costumes que depreciam o evangelho ou afetam a plena beleza da verdade. Mas tais coisas devem ser suportadas (Rm 14). E nossa alma tem plena consciência disso: a depreciação da Pessoa do Filho não receberia um decreto em seu favor dessa maneira.

[←8]

O Criador descansou: Suas obras estiveram acabadas desde a fundação do mundo (Hb 4); mas posso dizer que isso é tudo. Em outras manifestações de ação graciosa, Deus ainda não descansou. Como Pai, como Cristo, na Pessoa do Espírito Santo, e como Senhor de Israel e de toda a Terra, Deus ainda precisa alcançar o Seu descanso. O descanso é aquele que **“resta ainda”**, podemos dizer, tanto para Ele quanto para o Seu povo; pois Ele ainda opera com amor e poder, e eles ainda labutam contra o pecado, o mundo e o inimigo. Veja João 5:17; Ef 4.

[←9]

N. do T.: *εὐχαριστία* (eucaristia) significa gratidão ou ação de graças.

[←10]

E é uma Escritura impressionante. Aqui, o Senhor de Israel diz a Moisés que Ele mesmo escolheria um lugar para ali colocar Seu nome, e somente para esse lugar o povo deveria trazer suas ofertas, e não somente para o lugar escolhido pelo Senhor, mas de acordo com a maneira prescrita por Ele, eles deveriam adorar. Eles não deveriam imitar a adoração das nações, mas prestar sua adoração de acordo com a própria Palavra de Deus, ou **“em verdade”** (vs. 29-32).